

**Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Psicologia – IP
Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED
Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e
Saúde PGPDS**



]



**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO HUMANO, EDUCAÇÃO
E INCLUSÃO ESCOLAR**

**O DESENVOLVIMENTO SÓCIO-CULTURAL POR MEIO DAS ARTES: UMA
EXPERIÊNCIA INCLUSIVA COM ALUNOS ESPECIAIS**

MARLI MATOS DE SOUSA

ORIENTADORA: RUTE NOGUEIRA DE MORAIS BICALHO

BRASÍLIA, 2011



**Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Psicologia – IP**



**Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED
Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde PGPDS**

MARLI MATOS DE SOUSA

**O DESENVOLVIMENTO SÓCIO-CULTURAL POR MEIO DAS ARTES: UMA
EXPERIÊNCIA INCLUSIVA COM ALUNOS ESPECIAIS**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização e Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar da Faculdade UAB/UNB – Pólo de Ceilândia.

Orientadora: Rute Nogueira de Moraes Bicalho

BRASÍLIA, 2011

TERMO DE APROVAÇÃO**MARLI MATOS DE SOUSA****O DESENVOLVIMENTO SÓCIO-CULTURAL POR MEIO DAS ARTES: UMA
EXPERIÊNCIA INCLUSIVA COM ALUNOS ESPECIAIS**

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar – UAB/UnB. Apresentação ocorrida em ____/____/2011

RUTE NOGUEIRA DE MORAIS BICALHO**ORIENTADORA**

EXAMINADOR

MARLI MATOS DE SOUSA**BRASÍLIA/ 2011**

DEDICATÓRIA

À minha orientadora Rute Bicalho pela paciência, dedicação e incentivo em todos os momentos na elaboração deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

A Deus em primeiro lugar, por estar sempre presente na minha vida...

À minha orientadora, Rute Nogueira de Moraes Bicalho, que com competência participou efetivamente dessa construção.

Aos professores tutores, coordenadores por participaram em outros momentos importantes desse processo.

À minha amiga Maura pela força prestada nos momentos de desânimo.

À Diretora Vanise, pela compreensão sempre.

Às professoras Ana Paula, Hélia e Genilda que contribuíram falando de suas experiências em sala de aula.

A todos os colegas de curso que contribuíram com seus conhecimentos nos fóruns de debate.

À minha família, marido e filhos por compreender a minha ausência em alguns momentos.

À instituição UAB/UNB pela oportunidade em formar profissionais com mais capacidade e competência para atuar com riquíssimos conhecimentos adquiridos durante o curso de especialização.

*Por entender que a arte é um dos mais eficazes instrumentos que faz com que as pessoas desenvolvam potencialidades diversas, podemos citar como exemplo de superação o músico e compositor Beethoven que foi um dos maiores gênios da humanidade, demonstrando o valor das artes para o desenvolvimento humano. Suas obras são de inigualável valor artístico e sua vida comparada a um grande palco de sucesso e reconhecimento mundial. Como ele mesmo descreve: **“foi a arte, e só a arte, que me salvou”**.*

(Marli Matos de Sousa)

Quem lida com cultura sabe que diversidade é riqueza...as diferenças não são problemas. O problema existe quando a diferença instrui desigualdade.

Marcel Burzaty

RESUMO

Dada a relevância que a educação inclusiva representa socialmente, este trabalho tem por objetivo analisar as contribuições das oficinas de arte, música e teatro para o processo de inclusão e desenvolvimento dos alunos com Necessidades Educacionais Especiais (ANEE's), enfatizando a importância da família nesse processo. O contexto no qual essa pesquisa desenvolveu-se foi em uma escola localizada no Distrito Federal. Participaram três professores de artes, três famílias e três alunos com necessidades educacionais especiais. De orientação qualitativa, foram aplicadas entrevistas semi-estruturadas e realizada observação nas oficinas. A partir das informações apreendidas por esses instrumentos, quatro categorias de análise foram construídas: 1. A importância do processo de inclusão; 2. Contribuição das artes para o processo de inclusão e desenvolvimento dos ANEE's; 3. A interação entre os professores das oficinas com os professores da sala de recurso; e 4. Participação da família na vida escolar de seus filhos. Os resultados indicam que as artes contribuem de forma significativa para o desenvolvimento sócio-cultural de todos os alunos e mais ainda daqueles que apresentam alguma necessidade especial, seja ela física ou motora.

Palavras-chave: educação inclusiva, artes, desenvolvimento sócio-cultural, sala de recurso, família.

ABSTRACT

Given the importance that the inclusive education represents in the society. This work aims to analyze the contributions of art workshops, music and theater in the process of inclusion and development that the students with educational needs (ANEE's) have, emphasizing the importance of the family in this process. The context that this work has developed was in a school located at Distrito Federal. Three arts teachers, three families and three students with special and educational needs have attended this study. With qualitative guidance, there were applied some semi-structured interviews with the observation on the workshops. From the information learned, through these instruments, four categories were built: 1. the importance of the process of inclusion; 2. the arts contribution for the ANEE's process of inclusion and development; 3. the interaction among the workshop teachers with the teachers from the resource rooms; and 4. the participation of the family in the children's school life. The results indicate the significant importance of the arts in the development social and cultural of all the students and most even of those who have some special need, be it physic or motor.

Keywords: Inclusive education, arts, social and cultural development, resource room, family.

SUMÁRIO

1 – APRESENTAÇÃO.....	01
2 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	04
2.1 – Educação: um direito de todos.....	04
2.2 – Educação Inclusiva: processo em construção.....	05
2.3 – A escola como espaço de desenvolvimento e inclusão social.....	08
2.4 – A arte, a música e o teatro: contribuições para o desenvolvimento sócio-cultural dos alunos com NEE’s no processo inclusivo.....	11
2.5 – O papel da família e o movimento pela inclusão.....	13
3 – OBJETIVOS.....	18
3.1 – Objetivo geral.....	18
3.2 – Objetivos específicos	18
4 – METODOLOGIA.....	19
4.1 – Fundamentação metodológica.....	19
4.2 – Contexto de pesquisa.....	20
4.3 – Participantes.....	21
4.4 – Materiais e Instrumentos utilizados.....	23
4.5 – Procedimentos de Construção de Dados.....	23
4.6 – Procedimentos de Análise dos Dados.....	24
5 – RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	25
5.1 – Importância do processo de inclusão.....	25
5.2 – Contribuição das artes para o processo de inclusão e desenvolvimento dos ANEE’s.....	29
5.3 – A interação entre os professores das oficinas com os professores da sala de recursos.....	35
5.4 – Participação da família na vida escolar do filho.....	38
6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	44
APÊNDICES.....	46
ANEXOS.....	52

1 – APRESENTAÇÃO

Entende-se que o principal objetivo da educação básica e inclusiva é socializar e preparar o aluno para o exercício da cidadania, em que competências e habilidades cognitivas, valores e atitudes em prol do respeito à diversidade humana devem ser características valorizadas e desenvolvidas no espaço escolar. Diante disso, questiona-se: quais os benefícios que a arte, a música e o teatro podem trazer para o desenvolvimento sócio-cultural e contribuir no processo de inclusão do aluno?

A partir dessa ideia, buscamos reforçar a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais, visando melhorar a qualidade de vida daqueles que precisam de apoio educacional especializado dentro da escola. Para isso é preciso incluí-los e sensibilizá-los da importância de estarem engajados em um processo de descobertas, onde cada um possa se sentir encorajado e com o espírito fortalecido para buscar apoio e suporte pedagógico no processo de aprendizagem. A intenção é receber dos professores oportunidades iguais e que consigam participar efetivamente de forma criativa dos desafios que possam aparecer.

É sabido que as artes proporcionam ao indivíduo uma aprendizagem e um desenvolvimento que estão inter-relacionados e combinados em todas as áreas do conhecimento, com enfoque também, nas áreas afetivas e sociais. Logo, quando é oportunizado ao aluno com NEE o contato com a arte, surgem as possibilidades de maior interação e aprendizado. Daí então, a necessidade da escola ser um ambiente enriquecedor por meio da música, movimentos corporais, dramatizações e jogos, para que estes alunos sejam efetivamente incluídos.

É necessário discutir a importância da acessibilidade dos alunos com necessidade educacional especial através de uma educação continuada e processual que possibilite preferencialmente o aprimoramento em ambientes inclusivos e acima de tudo dentro dos parâmetros legais com base na Legislação local.

É importante esclarecer a comunidade escolar, em especial às famílias, os aspectos da inclusão dos alunos numa abordagem multidirecionada no processo de construção do saber, tendo em vista as peculiaridades de cada educando, dando preferência às medidas e procedimentos que favoreçam o desenvolvimento e

promoção educacional. Para tanto, preconiza o respeito à diversidade e sua valorização como fator importante no âmbito cultural e social.

Diante de tantas mudanças e transformações fundadas em inúmeras leis que corroboram para a compreensão da deficiência, podemos observar que os preconceitos ainda existem principalmente no ambiente de sala de aula regular, onde o aluno muitas vezes é deixado de lado pelo professor e visto apenas como alguém que precisa só de ser encaminhado ao psicopedagogo ou orientador. No entanto, o que fazer quando sabemos que todos sem exceção têm direito a uma educação de qualidade?

O papel do professor se faz necessário no processo de inclusão dos alunos sob três ângulos: desafios, ações e motivação no sentido de participar da caminhada do saber com seus alunos e mediatizados pelo mundo para assim entender melhor as dificuldades e as possibilidades de cada um na construção do conhecimento.

Segundo Resolução CNE/CEB Nº2 de 2001, institui Diretrizes Nacionais para a Educação de Alunos que apresentam necessidades educacionais especiais, na Educação Básica, em todas as suas etapas e modalidades. Nessa perspectiva inclusiva, torna-se imprescindível que a escola esteja preparada para fomentar a igualdade de direitos de todos ao saber e ao conhecimento, ajudando a desenvolver uma geração de cidadãos plenos que dê conta de aprender com a diversidade.

Dessa forma, neste trabalho são apresentadas reflexões críticas sobre os referenciais que fundamentaram a educação especial e inclusiva na perspectiva de uma inclusão que envolva cada educador e toda a comunidade escolar e que proponha uma escola mais democrática à medida que acolhe, educa e ensina a todos o respeito às diferenças individuais.

A educação inclusiva é uma proposta ainda em construção que precisa do apoio da família, dos professores, da comunidade escolar, e principalmente dos governantes para garantir, através das leis, que os direitos de todos sejam respeitados.

Assim, o que se propõe nesta pesquisa é que as atividades ligadas à arte-inclusão, tendo como intercâmbio, a arte, a música e o teatro, busquem uma perspectiva de valorizar a autonomia pessoal, a liberdade de expressão, a realização de experiências e a busca de informações para uma melhor convivência no ambiente escolar. Mas para que a escola consiga alcançar esses objetivos, se

faz necessário que os profissionais da educação estejam engajados nesta busca e que o professor acredite de fato que a inclusão é um direito de todos e para todos.

À medida que se propaga a educação inclusiva, tem-se evidenciado suas vantagens pedagógicas e sociais. É uma forma mais efetiva de garantir o direito de crianças e jovens com deficiência a uma educação de qualidade e a uma vida mais autônoma e feliz. E que de certa forma, contribui igualmente para a educação dos demais alunos, desfazendo os preconceitos, incentivando o convívio e estimulando o aprendizado mútuo através das artes. Transforma também pais e professores, que muitas vezes são relutantes e apreensivos. E, por esses motivos, ajudam a construir uma sociedade mais justa e mais democrática.

2 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 – Educação: um direito de todos

O direito à educação para todos os brasileiros sempre foi um princípio garantido desde a primeira constituição em 1824, à época do Brasil Império. As Constituições posteriores, como por exemplo, as de 1934, 1937 e 1946, da mesma maneira, garantiam esse princípio. (GOFFREDO, 1991)

Em âmbito mundial, em 1948, a Declaração Universal dos Direitos do Homem, aprovada pela Assembleia Geral das Nações Unidas, afirma o princípio da não-discriminação e proclama o direito de toda pessoa à educação. Em 21 de abril de 1959, a Assembleia Geral das Nações Unidas aprovou a Declaração dos Direitos da Criança, assegurando, no seu Princípio 7º, o direito à educação gratuita e obrigatória. (GOFFREDO, 1991)

Diante desses documentos consagrados internacionalmente, houveram grandes esforços, realizados por países do mundo inteiro, no sentido de assegurar a todos o direito à educação. E foi nesta perspectiva, que as constituições brasileiras de 1967 e 1969 levaram em consideração os princípios da Declaração Universal dos Direitos do Homem e da Declaração dos Direitos da Criança. (GOFFREDO, 1991)

A constituição brasileira vigente, de 1988, afirmam em seu artigo 206 princípios eminentemente democráticos, cujo sentido é nortear a educação, tais como: a igualdade de condições não só para o acesso, mas também, para a permanência na escola; a liberdade de aprender, ensinar e divulgar o pensamento; o pluralismo de ideias e concepções pedagógicas; a coexistência de instituições públicas e privadas; a existência de ensino público gratuito e a gestão democrática do ensino público.

Cabe ressaltar que as linhas mestras estabelecidas pela Constituição foram regulamentadas em seus mínimos detalhes pela Nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394/96. É importante registrar que, no período entre a promulgação da nossa Constituição e da Lei nº 9.394/96, houve um momento histórico internacional no campo da educação: a Conferência Mundial sobre Educação para Todos, em 1990. Dentre as diversas recomendações desta conferência, é particularmente importante destacar: a educação é um direito

universal e fundamental; tanto de mulheres quanto de homens, de todas as idades e em todas as partes do mundo.

Na esteira dessa conferência, aconteceu em Salamanca, na Espanha, entre os dias 7 e 10 de junho de 1994, a Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais, que reuniu delegados de 92 países e 25 organizações internacionais. Essa conferência teve o objetivo de promover a Educação para Todos, buscando discutir mudanças fundamentais no âmbito político para favorecer o enfoque da educação integradora e a necessidade de capacitar as escolas para atenderem a todas as crianças, sobretudo às que têm necessidades educacionais especiais.

A partir das discussões realizadas, foi aprovada, nessa Conferência, a Declaração de Salamanca, cujos princípios norteadores são: o reconhecimento das diferenças, o atendimento às necessidades de cada um, a promoção da aprendizagem, o reconhecimento da importância de “escolas para todos” e a formação dos professores.

Dessa forma, os aspectos político-ideológicos presentes nos princípios da declaração de Salamanca têm como pano de fundo, a perspectiva de um mundo inclusivo, onde todos têm direito à participação na sociedade, em busca da realização do mais alto nível de democracia. Entretanto, a proposta inovadora de Educação Inclusiva deve ser analisada com base no contexto político, econômico, social e educacional brasileiro, sem descartar a ideia de que num mundo globalizado, mais vezes ocorre uma tendência ao decalque, ou seja, a importação de conceitos e práticas que, em vez de possibilitarem um avanço, uma alternativa, acabam se tornando mais uma experiência frustrada.

Assim, precisamos entender que democratizar a educação, significa propiciar a todos o acesso e permanência na escola. Contudo, nosso sistema educacional precisa saber não só lidar com as desigualdades sociais, como também com as diferenças, no sentido de valorizar esse acesso com qualidade e equidade.

2.2 – Educação Inclusiva: processo em construção

A nova proposta de Educação Inclusiva recomenda que todos os indivíduos que tenham necessidades educacionais especiais sejam matriculados em turma regular, o que se baseia no princípio de educação para todos. Frente a esse novo

paradigma educativo, a escola deve ser definida como uma instituição social que tem por obrigação atender todas as crianças, sem exceção. A escola deve ser aberta, pluralista, democrática e de qualidade. Portanto, deve manter as suas portas abertas às crianças com necessidades educacionais especiais.

Como diz Mader (1997), é possível perceber a emergência de um novo paradigma que considera a diferença como essência das relações entre os seres humanos. Vista sob esse ângulo, a diversidade passa a ser natural e indispensável para o desenvolvimento pleno dos homens. O estar junto no cotidiano vai ensinando a todos o respeito às diversidades e a aceitação das limitações de cada um.

A constituição de 1988 traz como um de seus objetivos fundamentais, “promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação” (art. 3º inciso IV). Define no artigo 205, a educação como um direito de todos, garantindo o pleno desenvolvimento da pessoa, o exercício da cidadania e a qualificação para o trabalho.

Seguindo as orientações da carta magna brasileira, a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, lançada em 2008 pelo Ministério da Educação, aponta que o Atendimento Educacional Especializado (AEE) tem que ser feito no turno oposto ao da sala de aula regular do aluno e na própria escola em que ele estuda. Além disso, devem ser oferecidos recursos pedagógicos e de acessibilidade, visando diminuir as barreiras que dificultam o pleno desenvolvimento dos alunos com deficiência, os quais devem estar inseridos em escolas inclusivas, ter suas necessidades específicas respeitadas e acesso irrestrito à sala de recurso. Essas salas devem contar com jogos pedagógicos e precisam de mobiliários e equipamentos acessíveis.

Segundo a Resolução nº 4/2009 do Conselho Nacional de Educação – que determina como deve ser cumprido o Decreto nº 6.571/2009 – os alunos com deficiência (intelectual, auditiva, visual, física, múltipla e/ou surdocegueira), transtornos globais do desenvolvimento, altas habilidades e/ou superdotação devem ser matriculados nas classes comuns do ensino regular e no AEE ao mesmo tempo.

Dados do Censo Escolar da Educação Básica 2009, do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (órgão do Ministério da Educação), indicam que o número de escolas especiais vem diminuindo no Brasil.

Em 2007, 53% dos alunos com deficiência estavam matriculados nelas. Esse índice passou para 39%, do total de 197.468 escolas, em 2009.

No entanto, mesmo com esse avanço, 52% dos alunos matriculados em classes regulares ainda estudam sem apoio pedagógico especializado. A esse respeito, de acordo com a Secretaria de Educação Especial, serão construídas 15.551 salas de recursos distribuídas em todos os Estados e o Distrito Federal, atendendo 4.564 municípios brasileiros.

De acordo com as determinações da Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência – ratificada como emenda constitucional pelo Brasil em 2008 – a Educação para Todos, para ser efetiva, deve ter a participação das pessoas com deficiência em uma sociedade livre, por meio de escolas capazes de garantir o desenvolvimento integral dos alunos, sem exceção, com base na igualdade de oportunidades.

Partindo desses princípios, compete à escola promover o desenvolvimento físico, cognitivo, afetivo, moral e social dos alunos com necessidades educacionais especiais - NEE's e ao mesmo tempo facilitar-lhes a integração na sociedade como membros ativos. Mas, para que isto aconteça, é importante que o indivíduo com necessidades educacionais especiais seja visto como um sujeito capaz, produtivo e, principalmente, apto a aprender a aprender.

Vale lembrar que o movimento de Educação Inclusiva, frente à realidade educacional brasileira, deve, ainda, nessa fase de transição, ser visto como um grande avanço, quando recomenda a matrícula do aluno com necessidades educacionais especiais na escola pública regular, embora ainda, muitos desses alunos estejam na escola especial.

Acreditamos que, nesse momento, é necessário atuar a favor de um movimento de dessegregação, como diz Santos, (1992), o que significa trazer à escola regular aqueles que, nunca tiveram acesso a ela, seja por estarem matriculados em escolas especiais, seja porque eram segregados em suas comunidades.

No entanto, sabemos que um longo caminho foi percorrido para que pudéssemos combater esse tipo de pensamento educacional, buscando outro que defenda, fundamentalmente, a inclusão social e escolar das pessoas com necessidades educacionais especiais.

Dessa forma, a trajetória histórico-cultural das pessoas diferentes, que recebem o nome, hoje, de sujeitos com NEE's, reflete como se desenvolveram os valores da humanidade. Além disso, nos ajudam a entender os motivos pelos quais um dia condenaram ao extermínio pessoas consideradas imperfeitas e que hoje, estamos aprendendo a viver com a diversidade humana. Em várias épocas da história, as pessoas que apresentavam alguma deficiência, eram colocadas em prisões ou lugares isolados porque não podiam viver em sociedade, sendo essa atitude justificada na cultura e momento histórico.

Já em 1990, surge o movimento em prol da sociedade inclusiva, iniciada pela Organização das Nações unidas, mediante resolução desse organismo em defesa de uma sociedade para todos. Esse movimento configurou a normativa universal que fundamenta a implantação da inclusão, que é retratada em todos os documentos oficiais que vêm sendo produzidos pelo Ministério da Educação e pelo Ministério Público Brasileiro.

2.3 – A escola como espaço de desenvolvimento e inclusão social

Para que a escola possa ser considerada um espaço inclusivo, é preciso abandonar a condição de instituição burocrática, apenas cumpridora das normas estabelecidas pelos níveis centrais. Para tal, deve transformar-se num espaço de decisão, ajustando-se ao seu contexto real e respondendo aos desafios que se apresentam. O espaço escolar, hoje, tem de ser visto como espaço de todos e para todos. (GOFFREDO, 1992)

Nesse sentido, é necessário redesenhar a escola, o que implica buscar alternativas que garantam o acesso de todas as crianças e adolescentes no seu interior. Assim, o que se deseja, na realidade, é a construção de uma sociedade inclusiva compromissada com as minorias, cujo projeto deve privilegiar a inclusão das pessoas com NEE's.

Werneck (1997, p. 42) coloca que “[...] a inclusão vem quebrar barreiras cristalizadas em torno de grupos estigmatizados”. Como já vimos anteriormente, o movimento pela sociedade inclusiva é internacional e o Brasil está engajado nele, o que é no mínimo apropriado, já que temos mais de 15 milhões de deficientes

segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), cuja grande maioria está a espera de uma oportunidade para participar da vida em sociedade e ver, efetivamente, seus direitos respeitados.

Assim, necessitamos de uma nova escola que aprenda a refletir criticamente e a pesquisar. Uma escola composta por pessoas que não tenham medo de se arriscar, com coragem suficiente para criar e questionar o que está estabelecido, em busca de rumos inovadores, e em respostas às necessidades de inclusão. Como diz Mantoan (1997, p. 68) [...] “cabe à escola encontrar respostas educativas para as necessidades de seus alunos”.

E nessa busca de respostas para atender à diversidade, que o processo pedagógico fica, com certeza, mais rico, propiciando uma melhor qualidade de educação, baseado na interação, no encontro das diferenças, em que todos se beneficiam: alunos, professores, família e comunidade.

Vygotsky (2007) atribui extrema relevância ao “outro social”, visto que é por meio das interações que os significados culturais são compartilhados desde muito cedo na criança, num processo complexo e dialético que promove concomitantemente, tanto a construção de uma realidade social, histórica e cultural, como a constituição dos seres individuais. Para o autor, ao internalizar as experiências canalizadas pela cultura, nas relações interpessoais, cada indivíduo reconstrói seus próprios modos de pensamento e ação.

O “outro social” também é fundamental para o processo de, respectivamente, aprendizagem e desenvolvimento, em que a primeira é fonte de energia para o segundo, ideia contemplada no conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) que é a:

Distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes (VYGOTSKY, 2007, p.96).

Tais colocações modificam imensamente o papel da escola e seus métodos de aprendizagem. Primeiro, porque a aprendizagem precede o desenvolvimento, em

que as crianças aprendem muito antes de entrarem na escola, isto é, aprendizado e desenvolvimento são inter-relacionados de maneira dinâmica e altamente complexos desde o início da vida. Segundo, por que quando a aprendizagem ocorre de maneira satisfatória e organizada, ela resulta em desenvolvimento mental que, por sua vez, desencadeia outros processos de desenvolvimento.

Outro importante teórico do desenvolvimento, que merece nossa atenção, é Piaget (2007). Para ele o sujeito é um ser ativo, dependente das interações sociais para desenvolver-se e ser construtor do seu próprio conhecimento. Essa ideia também implica no reconhecimento de que a criança antes de entrar para a escola dispõe já de um saber, construído ativamente por meio de sua participação social e regulado pelo processo de equilíbrio das estruturas mentais. A valorização e o resgate deste saber passam a ser vistos como fundamentais para o ensino-aprendizagem. Desloca-se assim o foco da investigação e, mais lentamente da prática, do como se ensina para o como se aprende.

Podemos notar que tanto em Vygotsky, quanto em Piaget, o contexto social, no qual as interações se estabelecem e desenvolvem, é essencial. Desta forma, só é possível compreender os processos envolvidos na aprendizagem e no desenvolvimento humano quando tais processos são observados a partir de contextos específicos e significativos.

Para ambos os teóricos, a concepção de sujeito ativo e a importância do contexto para os processos humanos são complementares. No entanto, é exatamente aí que podemos encontrar também algumas diferenças entre eles. A abordagem histórico-cultural, de Vygotsky, coloca ênfase nas origens sociais dos processos cognitivos em geral, destacando o papel da linguagem para a constituição peculiarmente humana. Para ele, há um sujeito ativo e ao mesmo tempo, sócio-geneticamente determinado, isto é, constituído pela constante interação com o seu meio histórico-social. Já para o construtivismo, de Piaget a determinação é de origem psicogenética, uma vez que a significação do contexto da atividade é dependente do estágio de desenvolvimento do sujeito, ou seja, diferentemente de Vygotsky, para Piaget o desenvolvimento antecede a aprendizagem.

Embora as duas abordagens sejam identificadas como historicamente diferentes, podemos observar, hoje, no contexto da psicologia do desenvolvimento um ativo movimento de busca dessas ideias para a compreensão e apreensão de

toda a complexidade humana. (Valsiner, 2003; 2001). Nesta direção, de preservação do papel da pessoa ativa que constrói seu mundo psicológico em constante relação com a realidade na qual se insere, queremos destacar as oficinas voltadas para o aspecto cultural possibilitando ao aluno com NEE manifestar suas habilidades e potencialidades.

2.4 – A arte, a música e o teatro: contribuições para o desenvolvimento sócio-cultural dos alunos com NEE's no processo inclusivo

A arte, a música e o teatro constituem-se formas de expressão artística que possibilitam, dentre outras coisas, o desenvolvimento sócio-cultural de indivíduos de todos os grupos, indistintamente, inclusive de Alunos com Necessidades Educacionais Especiais. Assim, a abordagem do tema possibilita, sobretudo, uma reflexão acerca de alguns conceitos relacionados à arte, enquanto mecanismo de inclusão sócio-cultural do ser humano, no sentido de lhes proporcionar o seu desenvolvimento pleno e as suas potencialidades como um todo.

No Brasil, a Arte na Educação Especial teve como referenciais as ideias da educadora russa Helena Antipoff e do movimento Escolinha de Arte, que postulavam a inclusão de pessoas com necessidades educacionais especiais. Em garantia ao respeito às diferenças interculturais e o acesso à arte, por todos, indistintamente de gênero, raça e etnia, temos como bases legais o disposto na Constituição Federal, 1988, especialmente no inciso III do artigo 208; o Estatuto da Criança e do Adolescente; a Lei 8.069/90 e, principalmente, a Lei 9.394/96, artigos 26 e 58 (Brasil, 1997, 1998, 1999a, 1999b, p.16).

Assim, postula-se que todos devam ter o direito de acesso, mas não se entende porque muitas crianças com necessidades educacionais especiais não têm. Diante disso podemos questionar: por que não disponibilizar espaços de incentivo às potencialidades artísticas desses alunos?

Sabemos que o objetivo geral de todo processo educativo é a formação do cidadão, compreendendo a cidadania como participação social e política, exercício pleno de direitos e deveres políticos, civis e sociais. Pensando desta forma, entende-se que a escola deve ser um ambiente enriquecedor, onde os conteúdos artísticos

sejam valorizados, no sentido de promover uma aprendizagem significativa para que o aluno se sinta sempre estimulado.

Tais ideias são consideradas muito importantes. Gomes e Neumann (2000, p.32) destacam o pensamento de Vygotsky, por meio da visão sócio-interacionista que discorre que a atividade grupal é extremamente enriquecedora, pois um indivíduo serve de estímulo para o outro, havendo trocas que contribuirão para a exploração e a vivência de diversos contextos interativos.

Partindo dessa análise, entende-se que é de fundamental importância que se otimize esforços para que haja mais incentivo e espaços enriquecedores no ambiente escolar, nos quais os alunos com necessidades educacionais especiais possam desenvolver suas habilidades artísticas de forma mais efetiva utilizando recursos como a música, o teatro e a arte enquanto força propulsora da inserção sócio-cultural desses sujeitos.

As artes de modo geral justificam-se, no sentido de acolher a diversidade do repertório cultural que os alunos trazem para a escola, seja ele ANEE, ou não. Busca-se ainda, favorecer o exercício de respeito mútuo, senso crítico, solidariedade, ideias, expressões, sentimentos, construções e outras manifestações de aprendizagem artística e cultural na sociedade.

As disciplinas artísticas apresentam-se como um campo privilegiado para o ensino-aprendizagem porque trabalha com temas transversais, propostos nos programas curriculares nacionais, além de estudar e analisar tudo que envolve a expressão artística do homem desde os primórdios da humanidade. E mais, favorecem o processo de inclusão por legitimar o direito dos alunos de expressar seus sentimentos e, ao mesmo tempo, (re)construir uma filosofia de mundo e (re)posicionar-se diante dele.

Não poderia deixar de comentar sobre Vygotsky (1997), ao falar do desenvolvimento cultural do homem, uma vez que estabelece uma clara relação entre desenvolvimento e aprendizagem, ao afirmar a diversidade das formas de desenvolvimento como premissa. Para ele, a aprendizagem humana é um fenômeno cultural, com enorme amplitude de variação em suas formas de manifestação. Afirma ainda, que é preciso um olhar prospectivo para o aprender; um olhar que associe o desenvolvimento humano em sua totalidade, rompendo com o paradigma

de uma escola “puramente cognitiva”, que foca no que “falta” no aluno e não apenas em seu potencial. (Vygotsky, 2007).

Sistematicamente, compete ao sistema educacional propiciar recursos e meios que atendam às necessidades educacionais de todos os alunos, de modo a oportunizar o seu desenvolvimento e aprendizagem, seguindo os seguintes princípios norteadores: a educabilidade de todos os seres humanos, independentemente das dificuldades que possam ter; o respeito à dignidade humana; Direito a alteridade (Frei Betto, 2009), “onde o indivíduo é capaz de apreender o outro na plenitude da sua dignidade, dos seus direitos e, sobretudo, da sua diferença.”

Entendendo que a educação é um fenômeno histórico-social que sustenta a existência do ser humano e que se concretiza mediante as relações estabelecidas entre as pessoas e entre elas e as demais manifestações do mundo natural, físico, social, tecnológico e espiritual, no decorrer dos tempos, busca-se hoje, a construção de uma ação pedagógica com a participação efetiva de todos, possibilitando uma interação em consonância com o momento histórico, as transformações e avanços no âmbito da inclusão social e cultural, com vistas a uma procura sistemática e conjunta na construção do conhecimento e da cidadania.

É importante acreditar que o sucesso da educação está em explorar talentos através da arte, expandir possibilidades, desenvolver predisposições naturais de cada aluno, reconhecendo as dificuldades e limitações, mas sem restringir ou menosprezar a capacidade de ninguém, como comumente acontece. Para tanto, devem ser propostas atividades lúdicas e totalmente diversificadas para que os alunos possam desenvolver-se plenamente nas oficinas de arte, música e teatro.

2.5 – O papel da família e o movimento pela inclusão

Já sabemos que a luta pelos direitos das pessoas com deficiência não é recente. Aqui no Brasil, podemos encontrar esforços datados de pelo menos um século, quando, por exemplo, iniciaram-se as primeiras tentativas oficiais de

escolarização formal de deficientes visuais. Entretanto, na história de outros países do mundo, iniciativas deste tipo podem ser encontradas há ainda mais tempo.

De um modo geral, historicamente as lutas têm-se caracterizado por alguns momentos-chave. Primeiro, o momento do reconhecimento da existência deste segmento da população. Na maioria dos casos, este reconhecimento implicou a separação dos indivíduos com deficiência do resto da sociedade, em asilos ou reformatórios, principalmente pela ignorância que as sociedades possuíam a respeito de suas potencialidades de participação social. (SANTOS, 1999)

O segundo momento, decorrente, entre outros aspectos, de avanços em pesquisas médicas, é marcado pela descoberta desta camada da população enquanto indivíduos que, afinal, podem, ainda que de forma limitada, participar de algumas atividades sociais. Nesse momento, no entanto, ainda havia uma dependência muito grande do grau de deficiência que a pessoa portasse. Uma consequência disso foi o uso pesado de instrumentos de teste de habilidades e capacidades das pessoas com necessidades educacionais especiais, a fim de determinar o limite até o qual a sociedade poderia esperar alguma forma de retorno em termos de participação. Assim, os deficientes que porventura fossem considerados como possuidores de um alto grau de deficiência permaneciam excluídos de qualquer participação. (SANTOS, 1999)

Mas, concomitantemente a esse momento, um terceiro momento surge: a ideia de que a exclusão não implicava ignorar os deficientes. Assim, verifica-se o surgimento e o fortalecimento de duas práticas relativas a essas pessoas: uma prática assistencialista e caritativa, para aqueles a quem os testes apontavam como incapazes de participação social; e a outra prática seria a reabilitativa, para aqueles que, de alguma forma, fossem considerados como podendo ter alguma participação na vida em sociedade. (SANTOS, 1999)

Foi exatamente nesse terceiro momento que avança o reconhecimento da família como co-agente no processo de cuidados com as pessoas com deficiência. Com isso, sabe-se que as práticas e pesquisas em reabilitação cresceram e se expandiram a outras áreas que não apenas a da saúde. O campo da educação, em especial, vem sofrendo grandes reflexos de toda essa mudança. E o papel da família tem sido cada vez mais ressaltado, no sentido de ser parceira vital no processo de integração (social, escolar) da pessoa com deficiência.

Apesar dos tantos desafios e dificuldades que muitas pessoas com alguma necessidade enfrentam e se olharmos para o ponto de vista da história, podemos detectar certos avanços. Hoje, vivemos um momento que prima o processo da inclusão. Segundo a Declaração de Salamanca, documento este inspirador de muitas das políticas educacionais da maioria dos países, é bem clara no que se refere à família e ao movimento pela inclusão. Ela possui quatro artigos (artigos 59 a 62) especificamente relativos à interação com os pais e vários outros que indiretamente implicam uma parceria com instituição familiar no processo de inclusão dos especiais. Ao que nos interessa aqui, são de especial interesse os artigos 60 e 61, que dizem:

Os pais são os principais associados no tocante às necessidades educacionais especiais de seus filhos, e a eles deveria competir, na medida do possível, a escolha do tipo de educação que desejam para seus filhos (Declaração de Salamanca (Art. 60, p.43).

Portanto não resta dúvida de que mais do que nunca, a família deve ser vista e tratada como um forte parceiro no processo de quebra de barreiras que impedem a participação e a inclusão social de seus integrantes, por quaisquer motivos que sejam. Sobre essa questão Chraim (2009) coloca:

A base familiar representa um porto que precisa ser seguro, capaz de transformar essa criança em um Ser Humano cada vez mais confiante e encorajado, podendo contar com os adultos à sua volta. Nesse período, é fundamental a constante presença física de um adulto para que possam mediar as ações infantis, caso haja necessidade. (CHRAIM, 2009, p. 40)

Como já dito antes, a Educação Inclusiva envolve a participação da família e da comunidade, que podem contribuir para fortalecer e multiplicar as ações inclusivas. Uma atitude positiva dos pais em relação à participação e as potencialidades do filho com necessidades educacionais especiais são fundamentais para a sua inclusão escolar e social.

Segundo Galvão (2003) a educação para a cidadania pretende fazer de cada um agente de transformação. A escola além de ensinar o conhecimento, deve assumir a incumbência de preparar as pessoas para a cidadania. Isso exige uma reflexão que possibilite compreender as raízes históricas da situação de miséria e exclusão que vive uma parte da população, principalmente àqueles que se apresentam como pessoas diferentes por apresentarem alguma necessidade e/ou dificuldade de aprendizagem.

No entanto, a formação política que tem no universo escolar um espaço privilegiado deve propor caminhos para mudar as situações de opressão. Muito embora outros segmentos participem dessa formação, como a família, os meios de comunicação, não haverá democracia substancial se inexistir essa responsabilidade propiciada, sobretudo pelo ambiente escolar. (GALVÃO, 2003)

Para tanto, a participação é o primeiro passo para consolidar uma democracia capaz de garantir os direitos de todos os cidadãos. E a escola precisa estar ligada a essa ideia para que o ambiente escolar tenha um caráter, democrático, participativo e inclusivo a todas às pessoas. E acima de tudo reconheça e respeite os interesses e perspectivas de cada um em especial.

Segundo o sociólogo Hebert de Sousa (2005), a participação é um dos princípios da democracia e sem ela não é possível transformar a realidade da história humana e muito menos os princípios de igualdade, liberdade, diversidade e solidariedade. Ela deve ser uma oportunidade efetiva e acessível a todas as pessoas. Além disso, é preciso que ela assuma formas diversas de participação na vida da família, nos meios sociais, na comunidade escolar e sociedade de modo geral.

Em linhas gerais, entendemos que a escola não pode viver sem a família e a família não pode viver sem a escola, pois uma depende da outra para alcançar seu maior objetivo. Objetivo este que é fazer com que o educando/filho aprenda para ter uma vida mais digna rompendo os obstáculos e assim possa construir a sua história de vida em uma sociedade mais justa. Conforme o art. 53 do Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), a criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa (...).

3 – OBJETIVOS

3.1 – Objetivo Geral

Analisar as contribuições das oficinas de arte, música e teatro para o processo de inclusão e desenvolvimento dos alunos com Necessidades Educacionais Especiais e verificar a participação da família nesse processo.

3.2 – Objetivos Específicos:

- Verificar como as oficinas de arte, música e teatro são desenvolvidas junto a esses alunos;
- Verificar como eles se organiza nas oficinas com os outros colegas e professores para o processo de construção do conhecimento;
- Esclarecer como é desenvolvido o trabalho docente em parceria com o professor da sala de recursos em uma perspectiva de observar o progresso do aluno nas oficinas de arte, música e teatro;
- Apontar como os alunos podem desenvolver melhor suas habilidades e competências através das artes.
- Relatar como é a participação da família na vida escolar dos filhos.

4 – METODOLOGIA

4.1 – Fundamentação Metodológica

A presente pesquisa, além de ter uma visão integradora e inclusiva dos alunos com necessidades especiais, pretende contribuir para o desenvolvimento cultural e social, com ênfase nos processos de aprendizagem, de todos os envolvidos no contexto escolar investigado. Para tanto, há a necessidade de buscar ideias que avance no sentido de entender todo o processo de construção do conhecimento através de uma inclusão escolar mais efetiva nas oficinas de arte, música e teatro.

Nessa direção, utilizamos uma abordagem qualitativa de pesquisa, que valoriza o processo em si e não apenas o resultado. O momento requer uma análise acerca dos sujeitos investigados: professores, alunos e também a família, com o objetivo de apontar dados e indicadores significativos em diferentes momentos do processo de investigação, numa perspectiva de co-construção por meio de métodos que privilegiem elementos qualitativos.

Para Gonzáles-Rey (2005), a pesquisa qualitativa tem um caráter construtivo-interpretativo da realidade, entendendo a construção do conhecimento como produção cooperativa entre os diferentes sujeitos envolvidos na interação. Dessa forma, tal abordagem foge de concepções lineares e estanques sobre as questões que envolvem o ser humano, sobre o mundo e suas inter-relações.

Para compreender os fenômenos humanos e toda a sua complexidade, é essencial que o pesquisador faça reflexões sobre a realidade observada e que se construa conhecimento a partir da apreensão dos sentidos subjetivos do participante de pesquisa, evidenciando-os ao longo do processo de análise e em relação com os sentidos construídos por outros envolvidos na pesquisa. Para tanto, os instrumentos empregados devem favorecer a emergência da subjetividade do participante como é o caso, por exemplo, da entrevista semiestruturada.

4.2 – Contexto de pesquisa

A escola pesquisada faz parte de uma das Regiões Administrativas do Distrito Federal (DF). Ela atende alunos com necessidades educacionais especiais desde quando foi implantada, pelo Ministério da Educação em 2008, a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva com Atendimento Educacional Especializado em Salas de Recursos.

De maneira geral, a escola atende alunos oriundos de outras escolas. Estes têm aulas no turno oposto ao da sala de aula regular. A escola funciona dentro de uma Organização Não-Governamental (ONG) através de um convênio com a Secretaria de Educação do DF. São oferecidas, aos mais de 400 alunos matriculados, 14 (catorze) oficinas formativas de livre escolha dos alunos a cada semestre.

É importante destacar que os alunos com necessidades educacionais especiais matriculados nessa instituição têm preferência sobre os demais alunos para escolher as oficinas que desejam. Cada um pode escolher até quatro oficinas duas vezes por semana de maneira totalmente inclusiva, mesmo sabendo que alguns alunos estão matriculados em classe especial na escola de origem.

Pela forma tradicional, sabemos que os ANEE's têm Atendimento Educacional Especializado em Sala de Recursos em horário contrário de aula na mesma escola em que estudam. Já na instituição aqui pesquisada, o trabalho do professor especializado é de acompanhá-los nas oficinas, com a intenção de dar-lhes suporte pedagógico quando necessário, principalmente quando o aluno apresenta certa dificuldade de locomoção. Há um aluno matriculado na escola que tem Paralisia Cerebral (cadeirante), o qual tem a sua disposição um professor de sala de apoio para orientá-lo nas atividades, com o objetivo de ajudá-lo sem interferir no seu aprendizado propriamente dito. Desse modo, os dois profissionais atuantes em AEE, não se destinam apenas a alguns alunos com uma determinada deficiência, mas à totalidade daqueles que necessitam de suporte pedagógico para desenvolver melhor suas habilidades. Dos 15 alunos que apresentam alguma necessidade, três são autistas, dois têm Paralisia Cerebral (PC), outra é portadora de Esclerose Sistêmica Progressiva (alterações em algumas articulações) e o restante (mais nove alunos), um tem dislexia e os outros são TDA e TDAH.

A escola tem uma estrutura de funcionamento que se divide em dois turnos: matutino que se inicia às 8h, com 2 horas aula em oficina de livre escolha do educando, com um intervalo de 15 minutos para o lanche e depois mais 2 horas aula em outra oficina. O almoço é servido tanto para os alunos da manhã quanto para os da tarde. Após o almoço, os alunos, que já fizeram as oficinas pela manhã são encaminhados para as escolas regulares. Já os que fazem as aulas à tarde, começam a 1ª oficina às 14h, com intervalo para o lanche às 15h30. Posteriormente, eles são direcionados para a 2ª, e última, oficina do dia, das 16h às 18h. Lembrando que os alunos com NEE's são sempre acompanhados por dois professores de sala de recursos nas oficinas de arte, música e teatro.

Por se tratar de uma escola diferenciada e por apresentar uma proposta de educação integral, o contexto principal da pesquisa é desenvolver uma educação para todos, numa perspectiva de escola democrática e inclusiva, preocupada, sobretudo, com aprendizagens significativas de seus alunos.

4.3 – Participantes de pesquisa

Esta pesquisa conta com a participação específica de 3 professores com idade acima dos 30 anos. Os três têm formação em arte, sendo um com especialização em música. Esses profissionais já trabalham com educação inclusiva, utilizando as artes como instrumento de inclusão, há mais de três anos, desde quando foi implantada a escola de inclusão em 2008 em todo o país. Participam também três famílias de alunos com NEE, especificados abaixo, representadas por três mães, as quais acompanham seus filhos constantemente na escola.

Além desses participantes, estão incluídos também, três alunos com necessidades educacionais especiais, sendo cada qual filho das mães especificadas acima. Os três são diagnosticados e acompanhados por dois profissionais especializados e principalmente pela família. Os mesmos foram escolhidos pelo fato de se enquadrarem no quadro de condutas típicas que atualmente são conhecidas como transtorno global do

desenvolvimento. Durante as observações percebeu-se que cada um apresenta característica e comportamentos próprios.

Os participantes foram identificados da seguinte maneira: professora A (especialista em música, atuante na oficina de música); professora B (Educação Artística – atuante na oficina de Cênicas) e professora C (pedagoga – atuante na oficina de artes plásticas). Mãe X e aluno X - portador da Síndrome do X-Frágil, síndrome conhecida como Deficiência Mental, que é herdada de forma genética, condição esta associada a problemas de conduta e de aprendizagem, bem como a diversos graus de deficiência mental. Os graus de deficiência dessas crianças são muito variados, alguns casos podendo, inclusive, ser percebidos como deficientes apenas por seus próprios pais. Os graus mais leves são compatíveis com boa habilidade verbal e apreensão rápida dos estímulos ambientais, o que faz com que a aprendizagem nesses casos seja boa. Em geral, as meninas com essa síndrome podem ter um funcionamento mental absolutamente normal. Mãe Y e aluno Y apresenta Síndrome de Asperger, citada pela primeira vez na Décima Revisão da Classificação Internacional de Doença CID-10, no capítulo dos Transtornos Globais do Desenvolvimento. Trata-se de um transtorno de validade nosológica incerta, caracterizado por uma alteração qualitativa das interações sociais recíprocas, semelhante à observada no autismo (OMS/CID-10 1997, p.369). A Síndrome de Asperger é um transtorno do espectro do autismo (ASD em inglês), uma das cinco condições neurológicas caracterizadas por diferenças na aptidão para a comunicação, bem como padrões repetitivos ou restritivos de pensamento e comportamento. Os quatro outros transtornos ou condições são autismo, síndrome de Rett, transtorno desintegrativo da infância e PDD não especificado (PDD-NOS – transtorno invasivo do desenvolvimento sem outra especificação). E a Mãe Z do aluno Z, que é diagnosticado como autista atípico (conhecida como uma variante do autismo). Trata-se de outro

transtorno global de desenvolvimento que é denominado como uma desordem do desenvolvimento. O seu início é mais tardio, até os doze anos de idade. Assim como o autismo precoce, no autismo atípico, a criança não desenvolve relacionamentos sociais normais e frequentemente apresenta alguns padrões anormais na fala. De modo geral, o autismo manifesta-se de diferentes formas, variando do mais alto ao mais leve comprometimento.

4.4 – Materiais e Instrumentos utilizados

Para realização das entrevistas foram utilizados além de papel e caneta, um aparelho de áudio (celular) com o objetivo de relatar com mais clareza as perguntas e as respostas dos entrevistados. Quanto aos instrumentos foram utilizadas entrevistas semiestruturadas, sendo uma aplicada aos três professores das oficinas e, a outra, às famílias (representadas pelas mães). Diferentemente desses participantes, que tiveram um instrumento específico, os alunos foram contemplados na pesquisa por meio da observação, com o objetivo, entre outros, de verificar a interação deles com o professor, com os demais colegas e sua participação nas oficinas. A análise das informações advindas de ambos os instrumentos subsidiaram compreender a temática proposta (ver apêndice 1, 2 e 3).

4.5 – Procedimentos de construção de dados

Primeiramente foi solicitada junto à escola a autorização para a realização da pesquisa, por meio de uma carta de apresentação. Após consentimento da direção, os professores foram convidados a participarem. Além de entregue o Consentimento Livre e Esclarecido aos professores, foram explicados como seria aplicada a entrevista e os compromissos éticos da pesquisadora, no sentido de manter preservada a identidade e o cuidado com a análise das informações apreendidas. De igual modo, as mães participantes também foram informadas, as quais consentiram com a pesquisa por meio da assinatura do termo (Ver anexo 2).

As entrevistas com os professores e com as mães foram transcritas na íntegra, podendo ser apreciadas no anexo 3.

Por fim, foram realizadas durante o mês de novembro e primeira quinzena de dezembro de 2010 as aulas ministradas pelos professores regentes das oficinas de arte, teatro e música. É interessante relatar que durante esse primeiro momento (observação), pôde-se observar como de fato ocorre o processo de inclusão dos alunos participantes em cada oficina. Principalmente, a interação destes com os outros colegas e com os professores. Os três alunos foram observados nas oficinas de teatro, música e arte.

4.6 - Procedimento de análise dos dados

Para analisar os dados da pesquisa e para alcançar os objetivos esperados, todas as entrevistas foram lidas e relidas, a fim de apreender os significados construídos pelos participantes sobre as contribuições das oficinas de arte, música e teatro para o processo de inclusão e desenvolvimento dos ANEE's, enfatizando a participação da família na vida escolar de seus filhos.

A partir das falas dos participantes, emergiram quatro categorias a seguir:

- a) Importância do processo de inclusão;
- b) Contribuição das artes para o processo de inclusão e desenvolvimento dos alunos com necessidades educacionais especiais.
- c) A interação entre os professores das oficinas com os professores da sala de recursos.
- d) Participação da família na vida escolar do filho.

5 – RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para melhor compreensão deste capítulo, destacam-se as falas mais expressivas dos entrevistados que refletem às categorias de análises. Dessa forma, pretende-se abranger, de forma interligada, todos os significados construídos pelos participantes, a partir da interação pesquisador/pesquisado, e analisá-las à luz do referencial teórico.

5.1 – Categoria 1: Importância do processo de inclusão

O debate sobre a inclusão educacional de pessoas com necessidades educacionais especiais resgata uma questão essencial à constituição de toda a sociedade que se diz avançada: a forma como o ser humano vê e trabalha com as diferenças. Na medida em que avançam as formulações teóricas e o desenvolvimento conceitual sobre os processos de ensinar e aprender, motivando estudos e investigações nas áreas da educação, gestores, educadores e toda comunidade escolar são chamados a reconhecer e considerar a diversidade. Mesmo assim, o respeito para com a diferença na escola ainda é exercício pouco praticado e muitos são os mecanismos que se tem utilizado para ofuscar as expressões da diferença em seu cotidiano.

Sobre esse assunto a professora B explicitou:

Com relação a processo de inclusão, eu não vejo processo acontecendo na Secretaria de Educação, nunca vi processo acontecendo nenhum, o que eu vi são avisos que de repente vem a direção no começo do ano na semana pedagógica e diz: a partir de hoje vocês vão receber alunos incluídos, entendeu? A questão do processo, eu não vi processo nenhum, eu é que fui atrás, eu é que procurei fazer cursos, fiz curso na área de deficiência mental, fiz curso na área de autismo, fiz curso sobre a história da educação especial e fiz curso sobre Deficiências Múltiplas, mas assim... a Secretaria de Educação nunca chegou pra mim e falou assim: olha professor nós vamos habilitá-lo a lidar com esses alunos. Mas com o advento da Sala de Recursos eu pude trabalhar com alunos

deficientes visuais de uma forma mais tranquila porque eu tinha como passar material pra braille e as professoras da sala de recursos eram muito bem, é... habilitadas, então eu tive uma excelente orientação. (Professora B)

Como percebido anteriormente, o reconhecimento das diferenças dentro de uma escola e entre seus membros deve ser valorizado para buscar melhorias em todos os sentidos. No entanto, deve-se entender que uma política efetivamente inclusiva deve ocupar-se com a desinstitucionalização da exclusão seja ela no espaço da escola ou em outras estruturas sociais. Dentro dessa perspectiva, é importante que o professor busque estratégias que assegurem o êxito do processo de aprendizagem para todos os alunos com ou sem necessidades educacionais especiais.

A reflexão sobre o que é a diferença e as razões que alimentam posturas pedagógicas excludentes que ainda hoje permeiam as práticas educacionais, nos coloca em proximidade com os estudos de Eizirik e Comerlato (1995), os quais afirmam da dificuldade para lidar com a diferença, uma vez que ela causa choque epistemológico profundo, coloca em cheque a identidade humana, abala as estruturas e provoca dor.

Ainda nessa direção, a professora A afirma:

Vejo a importância do processo de inclusão como algo normal, no sentido de ser humano mesmo, não vejo diferença, é a mesma importância de atender um aluno normal, porque não, não, não atender, entendeu? Se podemos atender um aluno sem deficiência, podemos também aceitar alunos com necessidades especiais. É só o professor procurar apoio junto aos profissionais especializados. (Professora A)

Como diz Mader (1997), é possível perceber a emergência de um novo paradigma que considera a diferença como essência das relações entre os seres humanos. Vista sob esse ângulo, a diversidade passa a ser natural e indispensável para o desenvolvimento pleno dos homens. O estar junto no cotidiano vai ensinando a todos o respeito às diversidades e a aceitação das limitações de cada um.

A professora C vê o processo de inclusão como uma forma a ser trabalhada em conjunto. Dessa forma, ela coloca que:

O processo de inclusão na minha escola foi desenvolvido a partir do Projeto Político Pedagógico realizado com toda a equipe de professores, coordenadores e direção da escola. Na minha opinião, acho que a inclusão só acontece porque a escola recebe alunos com necessidades educacionais especiais. E o mais interessante na minha escola é que todos os alunos são acompanhados por um professor da sala de recursos. (Professora C)

A mãe Z relata que a escola de sua filha não é inclusiva porque se trata de uma escola especial que só atende a clientela de alunos com NEE's. Entende que o processo de aprendizagem está muito estagnado e que é necessário criar novas metodologias de ensino. Por esse motivo, ela observa que, tanto os alunos quanto os professores estão desmotivados. Acredita inclusive que os Centros de Ensino Especial devem acabar. Quanto a isso ela acrescenta:

Eu particularmente sou contra a escola única e exclusivamente para a educação especial e acho que toda escola tem que ser inclusiva, seja ela qual for, todas. Nós não deveríamos ter uma escola ou outra inclusiva. Não deveria existir as escolas de ensino especial, todas as escolas devem receber todos os alunos, independente da patologia, da dificuldade, do comprometimento desse aluno, porque? A Declaração de Salamanca ela já diz isso "É escola para todos". E na realidade não é para todos, são só para alguns. (Mãe Z)

Dentro dessa perspectiva, ela acredita que a escola inclusiva não é uma realidade e que os professores não são tão bem preparados assim para receber alunos com necessidades educacionais especiais. Se o professor não se preparar para lidar melhor com essa clientela, não conseguirá alcançar bons resultados com o processo inclusivo. E o aluno, ao invés de se sentir incluído, poderá se excluído. A mãe acrescenta dando exemplos:

Numa escola inclusiva ela pode ser mais excludente do que inclusiva, porque uma sala de aula, por exemplo, que recebe um aluno que tem deficiência auditiva e esse professor não tem libras, esse aluno vai ficar mais excluído do que se ele estivesse numa escola de educação especial sendo atendido por um especialista, então o quê que se deve fazer...preparar os professores pra que sejam realmente inclusivas. Todos os professores devem ter uma especialização ou, por exemplo, um aluno muito comprometido com certeza ele vai precisar de um professor mais presente, esse professor precisa de uma estrutura maior pra ele fazer esse trabalho, mas aí o quê que acontece, esse aluno pode ser atendido numa escola regular tal qual com todos os alunos, só que ele vai ter um atendimento exclusivo, um atendimento especializado. (Mãe Z)

O outro elemento importante é o planejamento diário sistematizado, que deve ser cooperativamente desenvolvido a fim de garantir um ensino totalmente inclusivo a todos os alunos. Não podemos esquecer o que nos ensinou Paulo Freire em idos de 1978: “a educação autêntica, repitamos, não se faz de “A” para “B”, ou de “A” sobre “B”, mas de “A” com “B”, mediatizados pelo mundo”. Com esse propósito, certamente um professor que engendra e participa da caminhada do saber com seus alunos, consegue entender melhor as dificuldades e as possibilidades de cada um e provoca a construção do conhecimento com maior adequação.

As mães X e Y são mais otimistas. Acreditam em mudanças futuras e depositam todas as suas expectativas em dias melhores. Acreditam até que os professores desenvolvem um bom trabalho:

Acho bom, embora algumas expectativas minhas não estão se cumprindo. Às vezes é um pouco complicado. Acho que não é uma ilusão romântica. Não quero crer nisso. Prefiro acreditar no processo e nas mudanças daqui pra frente. (Mãe X)

Acredito que muito em breve teremos uma educação inclusiva de qualidade, então é isso, prefiro acreditar que tudo pode sim, melhorar. (Mãe Y)

Entende-se que só existe ensino de qualidade quando as ações educativas se pautam por compromisso, solidariedade, compreensão, colaboração, compartilhamento do processo educativo com todos os que estão direta ou indiretamente nele envolvidos.

A mãe X faz algumas colocações a respeito da realidade hoje sobre a educação inclusiva na escola (s) que seu filho estuda. Ela coloca:

Eu acho que falta alguma coisa, mas já tá meio caminho andado, principalmente com relação à aceitação. De um modo geral, percebo que a sociedade está mais sensível a essa questão. Embora o meu filho ainda não está incluso em classe regular, acho que o fato dele estar também numa escola integral e inclusiva, ele consegue se desenvolver bem nas oficinas de arte e teatro. Lembro que no semestre passado, ele fez oficina de música (coral) e observei que ele aprendeu muito, tanto é que ele hoje gosta muito de cantar. (Mãe X)

Levando em consideração a Declaração de Salamanca, bem como toda a legislação nacional e a realidade de nosso país, devemos priorizar a valorização da dimensão humana de cada sujeito-cidadão com deveres e direitos fundamentais que devem ser garantidos, promovendo a oportunidade de convívio com a diversidade e as diferenças de todos na comunidade, de forma aberta, flexível e acolhedora.

5.2 – Categoria 2: Contribuição das artes para o processo de inclusão escolar e desenvolvimento dos ANEE's.

Em garantia ao respeito às diferenças sócio culturais e o acesso à arte, por todos, indistintamente de gênero, raça e etnia, temos como bases legais o disposto na Constituição da República Federativa do Brasil 1988, especialmente no inciso III do artigo 20; o Estatuto da Criança e do Adolescente; a Lei 8.069/90 e, principalmente, a Lei 9.394 de 20/12/96, artigos 26 e 58. (BRASIL, 1997, 1998, 1999a, 1999b, p. 16).

É importante destacar que o contato com as diferentes expressões artísticas contribui de forma bastante significativa para o desenvolvimento dos ANEE's na sala

de aula. Segundo relato dos professores entrevistados, o teatro, a música e a arte constituem-se formas de expressão artística que possibilitam, dentre outras coisas, o desenvolvimento sócio-cultural de indivíduos de todos os níveis, indistintamente, inclusive de pessoas com necessidades educacionais especiais. Nas palavras da professora A:

Entendo que promover atividades culturais dentro da escola favorece o aprendizado. Como professora de música, acho que a arte facilita esse encontro, essa adaptação. Não senti dificuldade nenhuma em fazer isso, exatamente porque no meu caso, eu vou falar da música mais especificamente, a música por si só já é inclusiva, música não tem religião, música não tem sexo, música não tem nacionalidade. Eu hoje toco a música de bar que me compôs a quase mil anos atrás, entendeu? Então, não tem barreira, a música, ela estreita os relacionamentos, entendeu? Então não há dificuldade nenhuma nisso, ao contrário, facilita. É um caminho que tá aberto pra parte emocional não é racional não é como 2+2 na matemática (Professor A).

Segundo Saldanha (1999), a arte é aquilo que resiste, mesmo que não seja a única forma de resistência. Partindo dessa perspectiva, as oficinas que envolvem a arte-inclusão na escola investigada têm possibilitado inúmeros resultados ao desenvolvimento integral das potencialidades dos alunos com NEE's. A auto-aceitação é um dos fatores que se considera mais relevante, assim como, o senso de cooperação, aprendizado e respeito por si próprio e pelos outros.

A professora faz um relato de seu cotidiano nas aulas de música (violão e coral) contando um pouco de suas experiências com alguns alunos especiais. Ela diz:

Eu tive um grupo de coral, que eram meninos com Síndrome de Down e tinha também Autistas, então, como eu nunca tinha tido contato nenhum eu nem sabia sequer o que era exatamente autismo, então a primeira coisa que eu fiz foi pegar um livro sobre autismo, quem me emprestou o livro foi uma professora da sala de recursos. Então eu cheguei e sentei e perguntei pra professora como é que esse tipo de aluno desenvolve? É do mesmo jeito? Quais são os

cuidados especiais? O que que eu posso falar? O que que eu não posso falar? Como que eu posso motivar? Então eu tive essa conversa com uma das meninas e foi muito bacana porque elas me deram as coordenadas iniciais, mas o resto eu tive que aprender na prática o quê que que funcionava musicalmente falando e o que que não funcionava. (Professora A).

Conforme o teórico Vygotsky (2003) as dimensões essenciais que constituem o processo ensino aprendizagem guardam uma estreita relação entre elas. Não existe um desenvolvimento intelectual eficiente fora de um compromisso emocional do sujeito com aquilo que é aprendido. Os processos cognitivos e afetivos, em unidade, guardam uma relação inseparável com a eficiência da aprendizagem, daí a sua ideia ao afirmar que a aprendizagem humana é um fenômeno cultural que abrange todas as formas de manifestação. É preciso que se tenha um olhar diferenciado focado no indivíduo como sujeito capaz de organizar suas ações para aprender interagindo com o outro. Para melhor compreender essa ideia a professora faz o seguinte relato:

Tive a experiência de um aluno autista que é um menino que não era da oficina do coral, era da oficina de violão que é uma oficina bem mais difícil que a prática de coral, não tem nem comparação e ele já chegou aqui com uma super habilidade pra música porque ele se apresentou como ouvido absoluto porque ouvido absoluto é aquele que percebe as notas, ele sabe dizer se é um dó, se é um ré, se é um mi, se é um fá, então ele tem uma referência interior já que é dele, que é pronta, pouquíssimas pessoas no mundo tem essa habilidade, então ele já chegou com essa habilidade, então muitas vezes ele ia tocar uma música pra ele num tom e como ele já tinha referência do rádio ele falava: não, tá errado, não é essa nota, é outra nota, então ele foi, um menino que além de exigir a questão do cuidado com a questão do autismo tinha a questão da super habilidade pra música que ele me despertou, então, enquanto um aluno normal demora um mês pra aprender a primeira música, ele na primeira aula já aprendeu a primeira música, enquanto um aluno normal aprende uma música por aula, eu tinha que trazer pra ele 3 a

4 músicas por aula, então ele tocava absolutamente tudo, aí eu fiquei sabendo que a irmã dele cantava muito bem, então eu disse: vamos fazer então um dueto vai ser lindo pra apresentação, você acompanhando a sua irmã, só que ele não aceitou, então ele tinha também uma coisa de espaço, aqui você não entra, até aqui você vai, até ali você não entra, mas aí eu falei: é a sua irmã, não, mas eu não quero, e não fez, você entendeu? Então assim... ao mesmo tempo que tinha essa super habilidade, o autismo ainda debilitava o mundo dele, o que ele quer e o que ele não quer, então depois que ele aprendeu, teve uma carga muito grande de conhecimento, eu senti que ele começou a ficar desmotivado porque ele já sabia muito é...eu já não conseguia mais prender a atenção dele, então às vezes eu via ele parado com o olhar perdido no tempo e então eu fui nas professoras da sala de recursos e perguntei: eu não estou mais conseguindo mais chegar perto do T. aí elas me falaram: quando você for falar com ele, é... puxa o rostinho dele e olha nos olhos dele, ele vai desviar e você vai continuar buscando esse contato visual com ele até ele entender o que você está falando, porque realmente quando ele não olha, ele não tá nem te ouvindo, e aí foi uma ferramenta que eu consegui de olhar nos olhos e fazer com que ele realmente continuasse olhando pra mim, pra que eu pudesse não ele entrar no meu mundo, mas eu entrar no dele. E isso fez toda a diferença. Então um dia, só pra finalizar isso, um dia ele tava...ele era muito sozinho, eu percebia que ele ficava muito sozinho, mas um dia eu cheguei na hora do intervalo e vi que ele pegou um violão e começou a tocar e aí quando ele começou a tocar veio um garoto e sentou do lado dele, depois veio o segundo garoto, depois veio o terceiro e quando eu olhei, foi quando eu filmei, ele tinha umas sete crianças em volta dele cantando com ele, tocando com ele, e aí é que você se apaixona pelo processo de inclusão, que você fala que realmente a música é inclusiva, você viu assim que não foi da parte dele de propósito, ele pegou o violão e começou a tocar sozinho, as pessoas que se aproximavam através da música, chegaram perto dele, e aí começavam a pedir pra ele: você sabe tocar tal coisa, você sabe tocar tal coisa, inclusive tava até tocando aquela música na época: Você não vale nada mais eu gosto de você, que tava tocando

muito no rádio e as crianças todas, apesar do conteúdo duvidoso, todo mundo sabia cantar e aí ele começou a tocar e quanto mais ele ia tocando as músicas populares, mais as crianças chegavam perto dele, então foi um momento lindo, eu filmei, mostrei pra diretora e me emocionei muito vendo isso, assim, porque consegui de algum modo facilitar isso, entendeu? Por que o conhecimento ele trouxe. Ele tinha uma carga de facilidade muito grande que seria a própria vocação dele. (Professora A)

Com base no relato acima, entende-se que essa reflexão favorece o encontro das possibilidades, das capacidades de que cada um é dotado, facilitando a verdadeira inclusão. A interdependência de cada face desse prisma possibilitará a abertura do indivíduo para com o outro, decorrente da aceitação da condição humana. Dessa forma, aproxima-se assim, as duas realidades – a sua e do outro, visualizando a interação e a extensão de si mesmo.

Partindo dessa discussão, entende-se que é de fundamental importância desenvolver atividades culturais no ambiente escolar. Gomes e Neuman (2000) destacam o pensamento de Vygotsky, por meio da visão sócio-interacionista, enfatizando que a atividade grupal é extremamente enriquecedora, pois um indivíduo serve de estímulo para o outro, havendo trocas que contribuirão para a exploração e a vivência de diversos contextos interativos.

A professora relatou que para promover a música com os seus alunos sejam eles especiais ou não, ela tenta primeiro desenvolver um trabalho de equipe, mesmo sabendo que em qualquer lugar do mundo, a aula de música com instrumentos deve ser individual. Ela coloca:

Quando eu fiz o meu 1º projeto pra educação pra escola pública, eu já sabia que primeiro eu não ia ter material, eu não ia ter instrumento, eu não ia ter sala porque quando eu cheguei, por exemplo, nessa escola, eu não tinha sala, cada dia eu dava aula num lugar diferente, às vezes era no auditório, às vezes era na biblioteca, às vezes era na sala de algum professor que não veio, é...então eu tive que pensar em todas essas coisas, primeiro eu pensei: bom, eu vou ter que trabalhar com o universo sonoro, musical, músicas com referência, o quê que é isso? Músicas folclóricas e músicas que

tocam no rádio hoje. Não adianta eu querer trabalhar outras coisas porque eles não vão aceitar, eu tive que me adaptar em relação aos instrumentos. (Professor A)

Para entender a importância da Arte no processo de inclusão do aluno com NEE, deve-se garantir e promover a oportunidade de convívio com a diversidade cultural de todos na comunidade escolar, de forma aberta, flexível e acolhedora. Nesse sentido, pode-se afirmar, então, que a inclusão escolar é uma forma de inserção em que a escola deve ser modificada para ser capaz de acolher qualquer o aluno e de propiciar-lhe uma educação de qualidade.

O problema disso aqui tudo em relação a incentivo pra gente melhorar essa questão da inclusão é preparar a própria sociedade, os professores de um modo geral, a sociedade não tá preparada pra receber essas crianças, mas a gente só vai se preparar, no mesmo processo que aconteceu comigo, que foi ...no susto, recebendo. Então isso daí eu acho que é muito mais importante do que falar pra você: Ah! Tem que comprar não sei quantos violões, tem que ter uma sala mais arejada, uma sala ambientada com sofazinho, almofadinha, não é nada disso, entendeu? É um processo muito maior do que isso, que é a comunidade se preparar pra essas crianças saírem do casulo, entendeu? (Professor A)

Entende-se então que o indivíduo forma-se, apropriando-se dos resultados da história social em que está inserido, ou seja, sua formação realiza-se por meio da relação entre objetivação e apropriação. Esta relação se efetiva sempre no interior de relações concretas com outros indivíduos, que atuam como mediadores entre ele e o mundo humano.

Em minha opinião se se coloca que o aluno está incluso, então significa que ele tem capacidade de acompanhar de uma maneira ainda que às vezes mais lenta a facilidade de todo mundo, eu acho que a questão cultural é pra todos, se a disciplina é arte, ela tem que ser uma questão cultural que envolva todos os alunos, não... sem essa diferença se o aluno é portador de alguma necessidade ou não,

entendeu? Então, eu acho que tem que ser acessível a todos, não faço essa distinção de uma coisa especial, culturalmente especial para os alunos com necessidades especiais, eu acho que tem que ser pra todos, pra todos, pra todos... a questão cultural, ela envolve tudo, envolve tudo, tudo...(Professor B)

Conforme observações com os alunos X, Y e Z, vale ressaltar que: A escola através de uma ação conjunta buscou desenvolver uma participação efetiva de todos os alunos nas oficinas, possibilitando uma interação e permanência do educando sob responsabilidade da instituição a fim de combater a exclusão e da superação individual dos mesmos, conforme reza o **Decreto nº 6094, de 24/04/2007, no capítulo I, artigo 2º, incisos IV, V e VII. Nesse sentido**, como diz Mantoan (1997):

A inclusão na escola seria, então, o processo pelo qual a própria escola adapta-se, transforma-se para poder inserir em suas classes regulares crianças e jovens com necessidades especiais que estão em busca de seu pleno desenvolvimento e exercício da cidadania.

A partir dessa perspectiva, observaram-se nas oficinas de arte, música e teatro, que os alunos X, Y e Z, foram bem assistidos pelos professores regentes e também pelos professores das salas de recursos. Ficou então, evidenciado que na maioria das vezes, práticas simples fazem a diferença. A arte, o teatro e a música fazem desses alunos pessoas culturalmente desenvolvidas.

5.3 – Categoria 3: A interação entre os professores das oficinas com os professores da sala de recursos.

O Atendimento Educacional Especializado em sala de recursos é realizado de forma a atender às necessidades educacionais dos alunos matriculados na escola inclusiva regular, oportunizando atividades que permitam a descoberta, a interação e a criatividade no processo ensino-aprendizagem. Cabe ainda, oferecer aos professores da sala regular orientações teóricas e práticas, no sentido de atuar de forma colaborativa para a definição de estratégias pedagógicas que favoreçam o

acesso ao currículo e sua participação junto aos outros alunos. A esse respeito, destacam-se as falas das professoras B e C

Muitas vezes quando tenho alguma dúvida em relação a algum aluno, eu procuro as professoras da sala de recursos pra que possam me passar às informações sobre os alunos. É, é aqui nessa escola ocorre que esse atendimento especializado seja mais evidenciado no sentido de ser uma forma diferente de atender esses alunos. Já observei que quando esses alunos são acompanhados pelo professor especializado, essa parceria se torna, é...mais verdadeira. E com isso os alunos são melhores assistidos. (Professor B)

A sala de recursos é um ambiente onde o aluno, ele se adapta, ele é colocado lá junto com os professores que tão fazendo o atendimento para eles se adaptarem às oficinas, então, ali eles fazem as escolhas e o professor especializado acompanha eles até aquela oficina que ele quer fazer e aí há uma integração, o professor tem um tempo melhor pra estar ali com o aluno, enquanto eu vou desenvolvendo o meu trabalho, enquanto a professora da sala de recursos acompanha aquele aluno pra saber se ele realmente está desenvolvendo as atividades. Eu tenho uma parceria e acho que o diálogo com o professor da sala de recursos é muito importante. (Professor C)

Segundo a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva – lançada em 2008 pelo Ministério da Educação – o Atendimento Educacional Especializado feito no turno oposto ao da sala de aula regular na própria escola em que o aluno frequenta ou em outra próxima, deve oferecer recursos pedagógicos de acessibilidade, que eliminem barreiras e permitam a plena participação dos alunos com deficiência de acordo com suas necessidades específicas em escolas inclusivas e por meio das salas de recursos multifuncionais.

Além de contar com jogos pedagógicos, essas salas precisam ser munidas de mobiliários e equipamentos acessíveis. E, segundo a Resolução nº 4/2009 do Conselho Nacional de Educação – que determina como deve ser cumprido o Decreto nº 6.571/2009 – os alunos com deficiência (intelectual, auditiva, visual,

física, múltipla e/ou surdocegueira), transtornos globais do desenvolvimento, altas habilidades e/ou superdotação devem ser matriculados nas classes comuns do ensino regular e no AEE ao mesmo tempo.

Com base nas colocações dos entrevistados (professores e pais) a respeito do AEE, vale destacar que a educação inclusiva pressupõe que todas as pessoas tenham a mesma oportunidade de acesso, de permanência e de aproveitamento na escola, independentemente de qualquer característica peculiar que apresentem ou não. Mas, para que isso ocorra, é fundamental que essas pessoas tenham o apoio de que precisam para desenvolverem melhor suas potencialidades. Dessa forma os professores especializados devem atuar como facilitadores da aprendizagem dos alunos com necessidades educacionais especiais sem perder o foco de que a educação é um direito de Todos. A esse respeito vale destacar abaixo a fala da mãe Z. Ela diz:

A Declaração de Salamanca ela já diz isso: "É escola para todos". E na realidade não é para todos, são só para alguns, por exemplo: numa escola inclusiva ela se torna mais excludente do que inclusiva, porque uma sala de aula, por exemplo, que recebe um aluno que tem deficiência auditiva e esse professor não tem libras, esse aluno vai ficar mais excluído do que se ele estivesse numa escola de educação especial sendo atendido por um especialista, então o quê que se deve fazer...preparar os professores para que sejam realmente inclusivas. Todos os professores devem ter uma especialização, ou, por exemplo, um aluno muito comprometido com certeza ele vai precisar de um professor mais presente, esse professor precisa de uma estrutura maior pra ele fazer esse trabalho, mas aí o quê que acontece, esse aluno pode ser atendido numa escola regular tal qual com todos os alunos, só que ele vai ter um atendimento exclusivo, um atendimento especializado, mas ele vai conviver com os demais, com seus iguais, com seus pares, seria isso... a minha forma de pensar... um escola que seja realmente inclusiva, uma escola como diz Comênius: uma escola para todos (Mãe Z).

Nas palavras de Vandercook e Tetlie (1998), compreende-se e em termos gerais que todos os alunos que estão inclusos nas salas de aula regular enriquecem por terem a oportunidade de aprender uns com os outros e dessa forma, desenvolvem-se plenamente ao longo do processo de aprendizagem que tem como foco principal, o aluno, seja ele que for.

Assim, entende-se que a razão mais importante é que o professor da classe comum mantenha uma parceria com o professor especializado e que juntos busquem alternativas para que a educação inclusiva seja realmente direito de todos.

5.4 – Categoria 4: A participação da família na vida escolar do filho

A família é o primeiro espaço social de qualquer indivíduo, no qual ela constrói suas referências e valores e a comunidade escolar seria o segundo espaço, onde novas referências e valores se desenvolvem. Portanto, a participação da família e da comunidade traz para a escola informações, críticas, sugestões, solicitações, desvelando necessidades e conquistando caminhos. Em se tratando de alunos com necessidades educacionais especiais é de fundamental importância a participação da família no contexto escolar. E um dos pontos principais dessa relação diz respeito ao papel da família no desenvolvimento de seu filho e na luta pelas desigualdades. Para melhor discutir sobre esse assunto segue abaixo as falas das mães X, Y e Z.

É... eu participo conversando com as professoras, pedindo orientação. Aquilo que for possível, né... que tiver ao meu alcance pra eu poder ajudar eu ajudo. Gosto e faço questão de participar das reuniões para saber como meu filho está se desenvolvendo. Gosto de saber sobre o progresso do meu filho. (Mãe X)

Participo indo às reuniões e participando com ele na escola e também dos deveres escolares para casa. Eu e meu esposo participamos de tudo. Sem a nossa atuação, acho que sem a nossa dedicação tudo ficaria muito complicado. (Mãe Y)

Nós participamos em tudo na vida dela, tudo...inclusive na vida escolar. A gente participa das atividades, do que ela tá fazendo, a gente procura saber o que ela tá fazendo, a gente dá atividade em casa pra ela também, muitas coisas que ela aprendeu a fazer, ela aprendeu em casa pra depois ser levado pra escola, como: pintar, desenhar, são atividades que ela faz em casa, ela gosta de desenhar, de pintar, então assim, nós participamos ativamente, das festas que tem na escola dela, nós estamos sempre presentes, reuniões, tudo, tudo que é preciso, passeios, a vida escolar dela nós participamos ativamente em tudo. (Mãe Z)

Analisando as falas das Mães X, Y e Z, entende-se que é de extrema importância que os professores mantenham um canal de diálogo com a família para observarem juntos todo o progresso do aluno. E como dissemos antes, a Educação Inclusiva envolve a participação de todos aqueles que podem contribuir para fortalecer e multiplicar as ações inclusivas. Uma atitude positiva dos pais em relação à participação e as potencialidades do filho com deficiência é fundamental para a sua inclusão escolar e social.

Para Jerusalinsky e Páes (2001), as concepções e expectativas familiares proporcionarão um arsenal simbólico que muito dirá sobre como essa criança deverá ser incluída no ambiente social. No entanto, para que essa inclusão ocorra de maneira efetiva, é preciso mostrar à criança as representações e os traços privilegiados pelo discurso social para possibilitar que ela possa vir a representar-se nesse discurso.

Ainda nessa categoria, a mãe Z coloca que embora a inclusão não seja tão eficiente, já houve um grande avanço, principalmente no sentido de que os alunos com necessidades educacionais especiais estão conquistando o direito de estar no mesmo ambiente com os outros alunos. No entanto, só isso não é o suficiente, a mãe coloca que ainda precisa acontecer muita coisa pra que possa se efetivar a inclusão. Em outras palavras ela acredita que vai acontecer, mas que poderá demorar algum tempo e que pior já esteve, quando há décadas atrás, o deficiente nem direito a escola tinha, ficava era em casa segregado. Ela coloca ainda que já

houve progresso, mas ainda tem que se trabalhar muito, desde o preparo do professor até a acessibilidade com relação ao espaço físico para receber o aluno.

De todo o exposto, uma coisa foi, é e sempre será verdadeira: a participação da família é de extrema importância no movimento pela inclusão. Seja individualmente ou por meio de suas organizações, é imprescindível que elas, as famílias, busquem conhecer toda a legislação no sentido de saber dos direitos dos seus filhos, para assim se sentirem incluídos junto aos seus, dando o exemplo de cidadãos que fazem parte da sociedade, como, aliás, cabe a qualquer família em qualquer lugar do mundo.

6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos que a inclusão se associa com educação para todos visando à construção de uma sociedade inclusiva que exige mudança de ideias e de práticas construídas ao longo do tempo. Considerando essa preocupação, este trabalho, analisou as contribuições das oficinas de arte, música e teatro para o processo de inclusão e desenvolvimento dos ANEE's, com ênfase na participação da família nesse contexto.

Embora a palavra de ordem seja transformar para mudar as práticas educacionais, em todos os seus níveis, o que podemos verificar, de acordo com relatos dos professores investigados, é que ainda predominam formas de organização do trabalho escolar que não se alinham na direção de uma escola de qualidade para todos os alunos, principalmente com aqueles que apresentam necessidades educacionais especiais.

Nesse contexto, a formação dos profissionais envolvidos de fato com a educação inclusiva, é de fundamental importância, assim como o apoio às famílias, enfim, uma sustentação aos que estão diretamente implicados com as mudanças no sentido de buscar condições para que estas não sejam impostas, mas imponham-se como resultado de uma consciência cada vez mais evoluída de educação e de desenvolvimento humano.

Retomar a ideia de como desenvolver atividades artísticas dentro da escola, faz com que essas ações possibilitem aos educandos meios eficazes para que possam pensar, e, sobretudo, por em prática suas habilidades e potencialidades. Fica então, evidenciado que na maioria das vezes, práticas simples fazem toda a diferença, ou seja, os talentos estão, a todo o momento, em múltiplos lugares. No que diz respeito às pessoas com necessidades educacionais especiais isto não é diferente. Elas possuem uma gama de potenciais que precisam apenas do estímulo certo para aflorar, descobrir os seus talentos.

Há hoje o reconhecimento de que a escola deve buscar parcerias com outros setores da sociedade, para que as pessoas com necessidades educacionais especiais possam ser inseridas em todo contexto sócio-cultural nos espaços escolares e para que a própria comunidade se desfaça de resistências e

preconceitos. Outro aspecto importante é envolver a família no processo de inclusão para que este seja efetivado.

Para tal, faz-se necessário manter um canal de diálogo com a família, estimulando sua participação para irem às reuniões da escola e construindo um clima de confiança para que os pais possam manifestar suas dúvidas, anseios e angústias sobre o que está ou não dando certo.

Fazendo um paralelo com as falas das mães X, Y e Z sobre a inclusão de seus filhos, podemos concluir a esse respeito que muito ainda tem que ser feito. De modo geral, nossas escolas ainda são espaços limitados, apartadores. Os prédios escolares são acessíveis, desde que o aluno não apresente alguma limitação na sua locomoção. Os professores são formados para educar e preparar o indivíduo para o mercado de trabalho, desde que não atendam alunos com necessidades educacionais especiais. Os equipamentos e tecnologias podem democratizar a informação e a comunicação, desde que o aluno não seja cego, surdo ou com algum outro tipo de deficiência. Portanto, para os alunos com NEE's, a caminhada da educação para todos torna-se uma prova de obstáculo, de barreiras ao aprender e à cidadania.

A escola investigada através das oficinas de arte, música e teatro contempla de forma inclusiva promover o desenvolvimento físico, cognitivo, afetivo, moral e social dos alunos com necessidades educacionais especiais. Para contemplar essa ideia, pode-se observar que desses três alunos investigados, alunos X, Y e Z, os alunos X e Y estão matriculados em classe especial na escola de origem e o aluno Z, ainda freqüenta Centro de Ensino Especial. No entanto, os três fazem nesta escola as oficinas que escolheram, em ambientes de aula que favoreçam a aprendizagem juntos com os outros alunos. É importante destacar que durante o período de observação do investigador, houve a oportunidade de ver como os alunos se desenvolveram nas oficinas. O aluno X, por exemplo, gosta da oficina de arte, artesanato e teatro, mas freqüentou no semestre anterior a oficina de música, o aluno Y gosta mais do teatro e a aluna Z, teatro e arte. E todos são acompanhados nas oficinas por um professor de sala de recursos.

Para tanto, é importante destacar que o movimento pela educação inclusiva deve perpassar todos os obstáculos para ajudar a criar as condições favoráveis de apoio e atendimento especializado a todos os alunos que apresentem necessidades

educacionais especiais ao longo do processo de ensino e aprendizagem. Assim, é função do professor da sala regular buscar junto ao profissional da sala de recurso conhecer quem são esses alunos, quais são as suas dificuldades e limitações para que juntos possam trabalhar em prol da inclusão.

Contudo, de acordo com os dados deste estudo, todos devem ter um olhar diferenciado, ou seja, conhecer a demanda da comunidade, redefinir o Projeto Político Pedagógico, capacitar os profissionais, oferecer recursos pedagógicos, viabilizar o Atendimento Educacional Especializado, adaptar as estruturas para que o acesso seja eficiente, tornar acessíveis as tecnologias de informação. E o mais importante de tudo isso, é saber que todos são responsáveis por uma escola de qualidade.

A escola brasileira hoje, para ser uma escola ideal e inclusiva, não deve permanecer a mesma. Mas para isso, precisamos trabalhar em prol das mudanças que se fazem necessárias. Assim, estaremos ajudando a construir uma nova perspectiva para a escola inclusiva com a finalidade de se tornar uma realidade para todos.

Como bem colocou a mãe Z a esse respeito, no futuro, a educação não será mais nem inclusiva e nem especial, ela será apenas educação. Não haverá mais essa separação de educação especial, educação regular e educação inclusiva. Será uma educação sem rótulos. Ela será para Todos. Frente a tantos desafios que a escola do século XXI enfrenta, vale dizer que os educadores de modo geral precisam de uma escola que não tenha medo de arriscar, mas que tenha muita coragem para criar e questionar o que está estabelecido, caminhar em busca de rumos inovadores, necessários à inclusão.

Podemos concluir essa ideia lembrando que inclusão é um processo importante à vida humana e à vida em sociedade. Todavia, devemos buscar uma educação escolar que não exclua nenhum educando, principalmente os com necessidades educacionais especiais, seja ele quem for. É preciso entender que a inclusão não se concretiza em apenas receber o aluno, mas a busca de informações através de cursos, leituras, debates, troca de experiências, é de fundamental importância para que se consiga trabalhar o cotidiano escolar, com enfoque nas diferenças e respeito à individualidade de cada um.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Política nacional de educação especial**. Brasília, Secretaria de Educação Especial, 1994.
- CHRAIM, Albertina de Mattos. **Família e Escola: A arte de aprender para ensinar**. Rio de Janeiro: Wak, 2009.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978, p.98.
- FURTH, Hans G. **Piaget na sala de aula**. Rio de Janeiro: FU, 2007.
- GOFFREDO, Vera Lúcia Flor S. **Educação: Direito de Todos os Brasileiros** . In: Educação especial: tendências atuais. Brasília: Brasil, 1999.
- GONZÁLEZ REY, F. **Sujeito e Subjetividade**. São Paulo, Thompson, 2003.
- JERUSALINSKY, N. A. & PAEZ, S. M. Carta aberta aos pais acerca da escolarização das crianças com problema de desenvolvimento. In: Escritos da criança. Nº 06, Porto Alegre: centro Lydia Coriat, 2001.
- MANTOAN, Maria Teresa Eglér ET alii. **A integração de pessoas com deficiência: contribuições para uma reflexão sobre o tema**. São Paulo Memon, Senac, 1997.
- MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Ser ou estar: eis a questão. Explicando o déficit intelectual**
 . Rio de Janeiro, WVA, 1997.
- SALDANHA, Ana Cláudia de Souza ET AL. **Manual de arte educação: uma dinâmica para o desenvolvimento**. Brasília: Federação Nacional das Associações dos Pais e Amigos dos Excepcionais, 1999.
- SECRETARIA DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA / MEC. **Documento Subsidiário à política de inclusão**. Ministério da Educação. Brasília, 2005.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** J.C Neto, L. S. M Barreto e S. C Afeche, Trads. 7ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007 (Obra Original publicada em 1978).

WERNECK, Cláudia. **Ninguém mais vai ser bonzinho na sociedade inclusiva.** Rio de Janeiro, WVA, 1997.

APÊNDICES

APÊNDICE 1

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA APLICADA AOS PROFESSORES DAS OFICINAS

Dados pessoais

Nome: _____

Sexo: _____ Idade: _____ Função: _____

Tempo de Atuação na Educação: _____

Tempo de atuação na Educação como docente de ANEE: _____

Formação profissional em: _____

Como avalia sua formação profissional para trabalhar com a inclusão escolar? _____

1. Qual a sua opinião sobre o processo de inclusão na sua escola?
2. Em sua opinião, qual a importância de promover atividades culturais com alunos especiais dentro da escola?
3. Para você, qual a importância e contribuição do teatro, da arte e da música para o processo de inclusão escolar e desenvolvimento da cidadania dos alunos?
4. Você consegue perceber mudanças nos alunos em função das artes? Relate algumas.
5. Relate sobre o seu cotidiano na sala de aula com os alunos especiais, contando um pouco de suas experiências mais marcantes.
6. Como é realizado o Atendimento Educacional Especializado na sua oficina junto aos demais alunos? Existe um trabalho de parceria entre você e a sala de recurso? Você considera essa relação importante?
7. Quais os critérios que você utiliza para promover uma inclusão eficaz na sua oficina pedagógica e como faz para minimizar o preconceito?

8. Quais são os espaços disponibilizados aos alunos especiais visando incentivar suas potencialidades artísticas e culturais? Você considera tais espaços suficientes?
9. A gente sabe que é desafio trabalhar com a individualidade de cada aluno em um contexto bastante diverso. Nesse sentido, como você traça suas metas e estratégias educativas, considerando as necessidades de cada um deles?
10. De acordo com você, o que precisa ser incentivado e o que é necessário mudar, pensando na relação entre artes e inclusão escolar?

APÊNDICE 2

ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA – APLICADA ÀS FAMÍLIAS

Dados pessoais:

Nome: _____

Sexo: _____ Idade: _____ Estado civil: _____

Quantos filhos: _____

Há quanto tempo o filho estuda na escola: _____

1. O que você acha do processo de inclusão na escola em que seu filho estuda?
2. Como você e sua família participam da vida escolar de seu filho?
3. Quais as contribuições das oficinas da escola para o desenvolvimento de seu filho?
4. Como você avalia o trabalho dos professores nas oficinas?
5. Quais são os pontos positivos em relação ao aprendizado do aluno durante o ano de 2010 nas oficinas? Cite alguns.
6. O que você acha que precisa melhorar ou mudar para o próximo ano?
7. Você acha que a inclusão escolar é de fato uma realidade ou ainda falta alguma coisa para alcançar esse objetivo?

APÊNDICE 3

ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO

- A interação do aluno com NEE com os demais alunos e também com o professor da oficina;
- A relação dos educadores da escola (direção / coordenadores / orientadores / professores) com o aluno com NEE;
- O desenvolvimento das atividades nas oficinas;
- Como ocorre a relação entre o professor da oficina com os educadores da sala de recurso;
- Os materiais e recursos pedagógicos disponíveis aos professores das oficinas.
- A rotina do aluno dentro e fora da oficina;
- A participação da família no contexto escolar;
- A parceria da escola com os pais e dos pais com a escola em prol do aprendizado cooperativo com o aluno.

ANEXOS

ANEXO 1

CARTA DE APRESENTAÇÃO



Universidade de Brasília – UnB
 Instituto de Psicologia – IP
 Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED
 Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano
 Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar



UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL 3-PDS

A(o) Diretor(a) da Escola

De: Profa. Dra. Diva Albuquerque Maciel

Coordenadora Geral do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano,
 Educação e Inclusão Escolar

Assunto: **Coleta de Dados para Monografia**

Senhor (a), Diretor (a),

A Universidade Aberta do Brasil - Universidade de Brasília está em processo de realização da 1ª oferta do curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, do qual seis dentre as 20 turmas ofertadas são de professores e educadores da rede pública do DF (polos UAB-UnB de Santa Maria e Ceilandia). Finalizamos agora a 1ª fase do curso e estamos iniciando a Orientação de Monografia.

É requisito parcial para a conclusão do curso, a realização de um estudo empírico sobre tema acerca da inclusão no contexto escolar, cujas estratégias metodológicas envolvem: entrevista com colegas e pais e observação da sala de aula.

A realização desses trabalhos tem como objetivo a formação continuada dos professores/servidores da rede pública, subsidiando-os no desenvolvimento de uma prática pedagógica refletida e transformadora, tendo como consequência uma educação inclusiva.

O trabalho, a ser desenvolvido na escola sob sua direção, será realizado pelo Professor/cursista Marli Matos de Sousa, cujo tema de pesquisa é: O desenvolvimento sócio-cultural por meio das artes: uma experiência inclusiva com alunos especiais, sob orientação da profa. Rute Nogueira de Moraes Bicalho.

Desde já agradeço, colocando-me a disposição de Vossa Senhoria para maiores esclarecimentos nos telefones. (061 8114-2995) ou por meio do e-mail: arutebicalho@gmail.com

Atenciosamente,

Diva Albuquerque Maciel

Coordenadora Geral do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano,
Educação e Inclusão Escolar

ANEXO 2

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Psicologia – IP
Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED
Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclu



Senhores Professores e Pais,

Sou orientanda do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, realizado pelo Instituto de Psicologia por meio da Universidade Aberta do Brasil-Universidade de Brasília (UAB-UnB) e estou realizando um estudo sobre O desenvolvimento sócio-cultural por meio das artes: uma experiência inclusiva com alunos especiais. Este estudo poderá fornecer às instituições de ensino subsídios para o planejamento de atividades com vistas à promoção de condições favoráveis ao pleno desenvolvimento dos alunos em contextos inclusivos e, ainda, favorecer o processo de formação continuada dos professores nesse contexto de ensino.

Constam da pesquisa entrevistas (gravadas em áudio) com os educadores e com os pais no intuito de compreender a temática proposta. Para isso, solicito sua autorização para participação no estudo.

Esclareço que a participação no estudo é voluntária. Você poderá deixar a pesquisa a qualquer momento que desejar e isso não acarretará qualquer prejuízo a você. Asseguro-lhe que sua identificação não será divulgada em hipótese alguma e que os dados obtidos serão mantidos em total sigilo, sendo analisados coletivamente.

Caso tenha alguma dúvida sobre o estudo, o(a) senhor(a) poderá me contatar pelo telefone 33821271 ou no endereço eletrônico marli_jc@hotmail.com. Se tiver interesse em conhecer os resultados desta pesquisa, por favor, indique um e-mail de contato.

Agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

Respeitosamente,

Orientando Marli Matos de Sousa. (UAB – UnB)

Concorda em participar do estudo? () Sim () Não

Nome: _____

Assinatura: _____

E-mail (opcional): _____

ANEXO 3

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

PROFESSOR A (ESPECIALISTA EM MÚSICA)

1. Qual a sua opinião sobre o processo de inclusão na sua escola?

A professora disse: vejo a importância do processo de inclusão como algo normal, no sentido de ser humano mesmo, não vejo diferença, é a mesma importância de atender um aluno normal, porque não, não, não atender, entendeu? Se podemos atender um aluno sem deficiência, podemos também aceitar alunos com necessidades especiais. É só o professor procurar apoio junto aos profissionais especializados.

2. Em sua opinião, qual a importância de promover atividades culturais com alunos especiais dentro da escola?

Entendo que promover atividades culturais dentro da escola favorece o aprendizado. Como professora de música, acho que a arte facilita esse encontro, essa adaptação. Não senti dificuldade nenhuma em fazer isso, exatamente porque no meu caso, eu vou falar da música mais especificamente, a música por si só já é inclusiva, música não tem religião, música não tem sexo, música não tem nacionalidade. Eu hoje toco a música de bar que me compôs a quase mil anos atrás, entendeu? Então, não tem barreira, a música, ela estreita os relacionamentos, entendeu? Então não há dificuldade nenhuma nisso, ao contrário, facilita. É um caminho que tá aberto pra parte emocional não é racional não é como 2+2 na matemática .

3. Para você, qual a importância e contribuição do teatro, da arte e da música para o processo de inclusão escolar e desenvolvimento da cidadania dos alunos?

Bom, é o que eu acabei de falar anteriormente a música por si só rompe o preconceito ela propõe mudanças na sociedade e envolve o indivíduo através da afetividade e quebra grilhões.

4. Você consegue perceber mudanças nos alunos em função das artes (a música especificamente)? Relate algumas.

Bom, mudança é impressionante, é visível a partir da 2ª aula, você já vê que tem todo um posicionamento, primeiro que para aprender música tem que ter alguma coisa de concentração, de disciplina, de regularidade, de continuidade, então, o aluno chega na 1ª aula, você passa um exercício, ele fica ali sentadinho. Primeiro é uma aula individualizada praticamente, então ele tá ali pra fazer o serviço dele, ele não tem que seguir o grupo, por isso que essa atividade é muito inclusiva em relação aos alunos especiais porque aqui as metas são individuais, eu não tenho

um conteúdo fechado onde todo mundo tem que fazer sempre as mesmas coisas, não é, inclusive em termo de repertório por exemplo, tem um aluno que gosta de uma música outro aluno não gosta , então você tem condição de com o mesmo conteúdo técnico ensinar duas músicas diferentes uma pra um e outra pra outro, então você vê que assim é o desenvolvimento de cada um é individual e depende só dele, ele sabe que se ele não treinar, se ele não praticar aquele exercício que eu passei ele não vai pra etapa seguinte e a motivação já é a própria etapa é a etapa que vem quero tocar a próxima música porque se não conseguir entregar essa bem tocada ele não passa pra outra.

5. Relate sobre o seu cotidiano na sala de aula com os alunos especiais, contando um pouco de suas experiências mais marcantes.

Na verdade foram...assim eu recebi mais ou menos uns sete alunos desde que eu cheguei aqui é não foi só esse ano, porque praticamente esse ano recebi poucos alunos. Vou falar dos anos anteriores. Primeiro,eu tive um grupo de coral, que eram meninos com síndrome de down e tinha também autistas, então é é, como eu nunca tinha tido contato nenhum eu nem sabia se quer o que que era exatamente o que que era autismo, então a primeira coisa que eu fiz foi pegar um livro sobre autismo, quem me emprestou o livro foi uma professora da sala de recursos. Então eu cheguei e sentei e perguntei pra professora como é que esse tipo de aluno desenvolve? É do mesmo jeito? É..quais são os cuidados especiais? O que que eu posso falar? O que que eu não posso falar? Como que eu posso motivar? Então eu tive essa conversa com uma das meninas e foi muito bacana porque assim, elas me deram as coordenadas iniciais, mas o resto eu tive que aprender na prática o que que funcionava musicalmente falando e o que que não funcionava. Então primeiro, na aula de coral que é uma aula em grupo era uma aula muito bacana porque os próprios meninos que já tavam acostumados a receber esses meninos nas escolas de origem eles mesmos já me diziam: tia não não pode fazer assim, tia é assim, ou então quando tinha uma situação que o garoto não queria sentar numa determinada cadeira que eu separava as vozes femininas e masculinas, aí os meninos que eram autistas queriam sentar junto com as meninas e aí eu falava assim:não mas o lado das meninas é esse daqui. Aaí uma garota falava: tia peraí que eu vou explicar pra ele como que é, e ele ia com todo carinho e conseguia colocar uma cadeira que tivesse do lado das meninas, mas que já fosse o início da fileira dos meninos, então eles foram me mostrando como é que a gente resolvia essas coisas entendeu? Uma outra situação interessante foi de um garoto autista também, lindo demais, ele virou pra mim e falou assim: é , é eu tive que chamar a atenção de uma garota porque ela não era especial, mas tava aprontando na sala e eu tive que chamar a atenção dela e eu fui bem rígida com ela, né assim falei olha não pode... e tal e aí ele virou pra mim e falou assim: que coisa feia uma mulher do seu tamanho brigando com uma criança desse tamanho, então pra ele... aí você percebia que pra ele não era a situação da disciplina e sim do tamanho que era injusto uma mulher do meu tamanho rrsrs, então eu não tive como não rir,

assim...achei muito engraçado, porque o universo dele era totalmente diferente do meu, eu não sabia, pra mim era novo, eu não fiz nenhum curso de habilidade específica, ninguém chegou pra mim e falou óó! Deveria ser assim ou deveria ser assado, então as informações que eu tive, eu tive que buscar e vivenciar ali na hora, vivendo principalmente as tentativas e erros e ver se funciona. Uma outra vez, um outro menino também autista, ele passou pela porta da minha sala e eu perguntei: você não vai entrar hoje pra aula de coral da tia? Nossa eu tô com tanta saudade de você.. Aí ele respondeu: pois eu não tô com nenhuma saudade de você. Então assim, a sinceridade dele foi uma coisa também que me chamou muita atenção, porque um aluno de outra forma não responderia isso né, então aquela, aquela, eles são ao mesmo tempo profundo, mas são também rasos na sinceridade de dizer é isso que eu quero e é isso que eu não quero é isso que eu penso e do contrário eu diria também. E uma outra experiência também que acho que vale a pena relatar que é aquela do vídeo, inclusive se você quiser baixar o vídeo do meu celular. Mas enfim, tive a experiência de um aluno autista que é um menino que não era da oficina do coral, era da oficina de violão que é uma oficina bem mais difícil que a prática de coral não tem nem comparação e ele já chegou aqui com uma super habilidade pra música porque ele se apresentou como ouvido absoluto porque ouvido absoluto é aquele que percebe as notas, ele sabe dizer se é um dó, se é um ré, se é um mi, se é um fá, então ele tem uma referência interior já que é dele que é pronta, pouquíssimas pessoas no mundo tem essa habilidade, então ele já chegou com essa habilidade, então muitas vezes ele ia tocar uma música pra ele num tom e como ele já tinha referência do rádio ele falava: não, tá errado, não é essa nota, é outra nota, então ele foi um menino que além de exigir a questão do cuidado com a questão do autismo tinha a questão da super habilidade pra música que ele me despertou, então, enquanto um aluno normal demora um mês pra aprender a primeira música, ele na primeira aula já aprendeu a primeira música, enquanto um aluno normal aprende uma música por aula, eu tinha que trazer pra ele 3 a 4 músicas por aula, então ele tocava absolutamente tudo, aí eu fiquei sabendo que a irmã dele cantava muito bem, então eu trouxe, eu falei não vamo fazer então um dueto vai ser lindo pra apresentação você acompanhando a sua irmã, só que ele não aceitou, então ele tinha também uma coisa de espaço, aqui você não entra, até aqui você vai, até ali você não entra, mas aí eu falei: é a sua irmã, não, mas eu não quero, e não fez,você entendeu? Então assim... ao mesmo tempo que tinha essa super habilidade, o autismo ainda debilitava o mundo dele, o que ele quer e o que ele não quer, então depois que ele aprendeu, teve uma carga muito grande de conhecimento que eu senti que ele começou a ficar desmotivado porque ele já sabia muito é...eu já não conseguia mais prender a atenção dele, então às vezes eu via ele parado com o olhar perdido no tempo e então eu fui nas professoras da sala de recursos e perguntei: eu não to mais conseguindo mais chegar perto do T. aí elas me falaram: quando você for falar com ele, é... puxa o rostinho dele e olha nos olhos dele, ele vai desviar e você vai continuar buscando esse contato visual com ele até ele entender o que você está falando, porque realmente quando ele não olha, ele

não tá nem te ouvindo, e aí foi uma ferramenta que eu consegui de olhar nos olhos e fazer com que ele realmente continuasse olhando pra mim, pra que eu pudesse não ele entrar no meu mundo, mas eu entrar no dele. E isso fez toda a diferença. Então um dia, só pra finalizar isso, um dia ele tava...ele era muito sozinho, eu percebia que ele ficava muito sozinho, mas um dia eu cheguei na hora do AVD e vi que ele pegou um violão e começou a tocar e aí quando ele começou a tocar veio um garoto e sentou do lado dele, depois veio o segundo garoto, depois veio o terceiro e quando eu olhei, foi quando eu filmei, ele tinha umas sete crianças em volta dele cantando com ele, tocando com ele, e aí é que você se apaixona pelo processo de inclusão, que você fala que realmente a música é inclusiva, você viu assim que não foi da parte dele de propósito, ele pegou o violão e começou a tocar sozinho, as pessoas que se aproximavam através da música, chegaram perto dele, e aí começavam a pedir pra ele: você sabe tocar tal coisa, você sabe tocar tal coisa, inclusive tava até tocando aquela música na época: Você não vale nada mais eu gosto de você, que tava tocando muito no rádio e as crianças todas, apesar do conteúdo duvidoso, todo mundo sabia cantar e aí ele começou a tocar e quanto mais ele ia tocando as músicas populares, mais as crianças chegavam perto dele, então foi um momento lindo, eu filmei, mostrei pra diretora e me emocionei muito vendo isso, assim, porque consegui de algum modo facilitar isso, entendeu? De algum modo facilitar, porque o conhecimento ele já vem com a carga de facilidade muito grande que seria a própria vocação dele.

6. Como é realizado o Atendimento Educacional Especializado na sua oficina junto aos demais alunos? Existe um trabalho de parceria entre você e a sala de recurso? Você considera essa relação importante?

Quando os meninos especiais chegaram na escola que era a primeira vez que a gente ia receber esses meninos, é, é... teve uma semana que teve um curso, umas palestras, umas coisas e tal, mas como eu já falei pra você antes o que eu aprendi, aprendi na prática e também lendo livro específico sobre autismo, porque síndrome de down eu já tinha tido contato no colégio objetivo quando eu trabalhei lá, então eu sabia que não mudava muita coisa, que era mais ou menos né.., não era tão diferente quanto a gente imagina que é, entendeu? Aí as meninas da sala de recurso me perguntaram se precisava ficar o tempo todo na sala, e eu disse que não precisava, porque eu já sabia que nas primeiras aulas eu já ia dar conta. O B (Caracterizado com aluno X) também é um aluno muito especial, ele foi meu aluno de coral, quando ele chegou aqui, parecia que a idade mental dele era de 1 ou 2 anos de idade, ele era um bebezinho, a gente olhava pra ele, e ele fazia cara de bebê, então assim, o B., acho que eu herdei muita coisa da maternidade, de olhar pra ele vendo o tamanho dele é lógico, mas vendo ele como um bebezinho, porque às vezes eu falava as coisas com ele e ele não entendia, então eu tinha que falar como se tivesse falando com uma criança de 2 anos de idade, agora ele teve um salto muito grande, foi assim, uma questão de 8 meses, ele já era outro menino, ele é muito participativo, então assim, tudo o que eu colocava... Ah! Hoje a gente vai

cantar a música da barata, então ele curti e cantava, então assim, ele é um menino que ele não era fechado nele, ele interagiu com as outras crianças também, as outras crianças também tinham um cuidado especial com ele, assim... o que eu achei mais lindo de tudo isso, de tudo isso foi assim, eu tive a sorte de ter na minha turma crianças que já tinham convivido com autistas na escola de origem, então eles que me ensinavam, tia é assim que se fala, entendeu? Então eu via, por exemplo, quando eu não conseguia atingir uma meta, tinha uma garotinha que pegava na mão do B. e falava: B. é assim, entendeu? Então, ela com a delicadeza dela foi me mostrando qual que era o caminho, então por isso não foi necessário a sala de apoio aqui dentro, entendeu? Era mais quando eu tinha uma dúvida, por exemplo, eu tinha uma dúvida, eu tinha um medo ou então a criança não tava é, é... querendo fazer a atividade aí eu ia e solicitava e todas às vezes que eu solicitei eu fui bem atendida em relação a isso, entendeu? Não teve nenhuma vez que ficou a dever, assim... A professora da sala de recursos também é uma pessoa especial, o amor dela, o carinho dela também ensinava muita coisa, o jeito que ela tratava esses meninos, aqui na sala, mas nos corredores também, entendeu? As referências não tá só aqui no seu convívio musical, mas em todos os lugares.

7. Quais os critérios que você utiliza para promover uma inclusão eficaz na sua oficina pedagógica e como faz para minimizar o preconceito?

A música por si só como eu já falei já é inclusiva, porque é uma prática em grupo, você tem um grupo que canta junto e se alguém tá gritando, é... a gente fala: olha, escuta a voz do coleguinha, então ele é obrigado a ouvir o colega, ele é obrigado a sentir o colega do lado. Então, a prática por si só já é inclusiva e no caso da oficina de violão as aulas são mais individualizadas porque cada um segue um ritmo diferente, nunca uma turma segue o mesmo conteúdo. Pausa para pergunta do entrevistador: Você observa que quando um tem dificuldade o outro quer ajudar? Com certeza, com certeza por exemplo, assim... ou eles me avisam, tia ele tá fazendo a nota errada, porque a aula de música de instrumento é uma aula individual em qualquer lugar do mundo que você chegar a aula é individual, mas em escola pública você tem que fazer em grupo ou escola particular a mesma coisa, você faz a aula em grupo e com essa coisa de fazer a aula em grupo, é... o professor tem que se desdobrar pra atender um por cada vez e às vezes não dá é... essa é a realidade às vezes você não consegue, você não consegue desenvolver todos da mesma forma, exatamente por causa da questão do tempo, mas eles é... eu não tive problema disso, eles já estavam tão preparados, eles já vieram tão, tão prontos pra mim em relação a isso que na verdade, professor foram eles, entendeu, quem cuidou do processo de inclusão foi o próprio profeta, então... eu não tive nenhuma manifestação de preconceito, é... quando tinham que fazer trabalhos em dupla, porque isso acontece. É.. em dupla, é... eu achava que nossa agora ninguém vai querer ficar com os meninos que são autistas, mas ao contrário disso, eles mesmos se manifestavam pra formar as duplas e diziam: tia eu fico com o fulano, eu não tive nenhum caso assim, onde um deles teve que ficar sozinho, entendeu? Era

mais fácil um que era mais bagunceiro ou que fosse muito bonito porque existe o preconceito com o bonito, com o que tem o olho claro ou o cabelo loiro, entendeu? Então, no caso dos meninos especiais, não.

8. Quais são os espaços disponibilizados aos alunos com NEE's visando incentivar suas potencialidades artísticas e culturais? Você considera tais espaços suficientes?

Na oficina de música, assim... é só a sala de aula, eventualmente a gente ia ...apresentações você vai pro auditório, você vai prum espaço aberto para que outros possam participar e também às vezes tinha, por exemplo, teve uma fase que tava muito calor quando chega assim, setembro que dá aquele sol, aquela seca, às vezes a gente ia fazer aula na sombra ali debaixo das árvores, ao ar livre. Mas é basicamente isso...

9. A gente sabe que é desafio trabalhar com a individualidade de cada aluno em um contexto bastante diverso. Nesse sentido, como você traça suas metas e estratégias educativas, considerando as necessidades de cada um deles?

Então... o quê que acontece, eu já estou na educação a 13 anos na Secretaria de Educação, além desses 13 anos teve o meu tempo nas escolas particulares, então... eu sempre trabalhei com nº grande de alunos em sala de aula nas escolas particulares, na média de 30 meninos no mínimo, com muito aluno, então que que eu fiz, eu tive que fazer um projeto..., quando você sai da faculdade você sai cheio de expectativas, mas a faculdade não te ensina a dar aula, você tem um conhecimento muito específico, mas você não sabe quase nada de pedagogia, de ensino e de aprendizagem, você não sabe nada dessas coisas...você tem aulas teóricas, mas a prática no estágio é muito muito superficial, então, é... quando eu fiz o meu 1º projeto que eu fiz pra educação pra escola pública, eu já sabia que primeiro eu não ia ter material, eu não ia ter instrumento, eu não ia ter sala porque quando eu cheguei, por exemplo nessa escola, eu não tinha sala, cada dia eu dava aula num lugar diferente, às vezes era no auditório, às vezes era na biblioteca, às vezes era na sala de algum professor que não veio, é...então eu tive que pensar em todas essas coisas, primeiro eu pensei: bom, eu vou ter que trabalhar com o universo sonoro, musical, músicas com referência, o quê que é isso? Músicas folclóricas e músicas que tocam no rádio hoje. Não adianta eu querer trabalhar outras coisas porque ele não vão aceitar, eu tive que me adaptar em relação aos instrumentos porque tive que fazer uma vaquinha pra conseguir primeiro umas flautas boas, depois a gente conseguiu dois violões pra poder ajudar e depois a gente foi pedindo pros próprios alunos trazerem, é.... o, eu tive um grupo de coral, que eram meninos com síndrome de down e tinha também autistas, então é é, como eu nunca tinha tido contato nenhum eu nem sabia se quer o que que era exatamente o que que era autismo, então a primeira coisa que eu fiz foi pegar um livro sobre autismo, quem me emprestou o livro foi uma professora da sala de recursos. Então eu cheguei e sentei e perguntei pra professora como é que esse tipo

de aluno desenvolve? É do mesmo jeito? É.. quais são os cuidados especiais? O que que eu posso falar? O que que eu não posso falar? Como que eu posso motivar? Então eu tive essa conversa com uma das meninas e foi muito bacana porque assim, elas me deram as coordenadas iniciais, mas o resto eu tive que aprender na prática o que que funcionava musicalmente falando e o que que não funcionava. Então, essas são metas, são metas atingíveis, não adianta eu querer fazer muita coisa, então por isso eu chego ao final do ano com a sensação de missão cumprida, consegui atingir aquela meta ali, eu não fico imaginando... pois é... e com os especiais essa meta ainda é mais flexível, porque alguns deles não vão tocar violão, por exemplo, a prática do coral conseguem, mas tocar violão não vai porque a coordenação motora fina deles eu não consigo desenvolver com uma aula por semana, você entendeu? Mas ao mesmo tempo, eu tive situações aqui onde eu pedi a professora de educação física pra trabalhar a coordenação motora grossa pra eu poder atingir a coordenação motora fina aqui, entendeu? Então, ela trabalha a grossa lá pra eu poder melhorar porque às vezes eu tive alunos que chegavam e que não sabia entre direita e esquerda, não tem lateralidade, não tem a noção nenhuma de sentido, entendeu? Então eu tive que trabalhar essas coisas...

10. De acordo com você, o que precisa ser incentivado e o que é necessário mudar, pensando na relação entre artes (música) e inclusão escolar?

Bom, a questão do espaço físico, do material, do instrumento, pensar nisso é chover no molhado, escola pública não tem, então, começa daí. Eu prefiro falar pra você... Vou falar de uma coisa pra você poder entender. Hoje, a escola de música de Brasília, que é um escola especializada, que é uma escola profissionalizante, ainda não é inclusiva, você sabia? Não recebem alunos especiais lá. Eu sei disso porque quando eu recebi o aluno T e vi que o T tinha uma habilidade extra é...extra pra música, eu liguei pra uma professora amiga e falei: eu tenho um aluno que é autista, mas ele tem uma super habilidade pra música e tem o ouvido absoluto é... eu queria que você tentasse uma vaga pra ele aí e ele falou: nós não recebemos alunos especiais, a escola de música ainda não é inclusiva e é a escola que mais tem material que tem toda uma estrutura...outra coisa que eu queria falar pra você é das escolas particulares que aí já não é minha experiência como professora, mas eu tenho uma amiga que tem uma filha autista e estuda em escola particular. E ela chora todos os dias porque a filha dela é altamente discriminada desde os funcionários aos alunos, entendeu? Então lá eles falam que a menina é doidinha, que a menina é lelé, que a menina...entendeu? Então assim...ela...muitas vezes ela já me ligou, esse ano, chorando.. Eu falei: tira da escola particular e põe na escola pública porque a escola pública tá mais preparada pra isso, entendeu? Por incrível que pareça, a escola pública tá mais preparada. Então, o problema disso aqui tudo em relação a incentivo pra gente melhorar essa questão da inclusão é preparar a própria sociedade, os professores de um modo geral, a sociedade não tá preparada pra receber essas crianças, mas a gente só vai se preparar, no mesmo processo que aconteceu comigo, que foi ...no susto, recebendo. Não tem outro jeito, agora vai,

é...então isso daí eu acho que é muito mais importante do que falar pra você: Ah! Tem que comprar não sei quantos violões, tem que ter uma sala mais arejada, uma sala ambientada com sofazinho, almofadinha, não é nada disso, entendeu? É um processo muito maior do que isso, né que é a comunidade se preparar pra essas crianças saírem é... do casulo, entendeu? Como eu já dou aula a um tempo considerável então por exemplo, quando eu trabalhei no Objetivo eu tinha aluno com síndrome de down, mas eu não tinha autista, é...eu não tinha meninos com paralisia, entendeu? Eu...Você não via esses meninos, aí eu fico pensando, essas doenças são novas, não, não são não. Mas essas crianças tavam escondidas porque os pais tinham vergonha de trazer. Marli, essa questão da inclusão pra você que tá estudando, pesquisando e tal...você tem um papel importante na sociedade porque você tá abrindo caminho, mas a verdade a palavra não deveria nem ser inclusão, você entendeu? Não deveria existir isso, porque essa palavra por si só já é discriminatória, então, eu sou obrigada a incluir... não sou obrigada, eles já fazem parte, eles já estão inclusos,entendeu? São seres humanos e a gente... não existe diferença nisso daí. É alto, magro, gordo, branco, preto...índio ou cafuso. Então, essa diferença é que traz a riqueza da experiência na educação, que você vê que, tem meninos que você olha e fala: Meu Deus do céu, essa criatura, ele não vai conseguir... e consegue, às vezes você acha porque na prática musical, pra que você entenda, é... a prática musical ela já é de uma certa forma não é inclusiva porque dizem que pra você ser um bom músico, pra você tocar um instrumento você tem que começar a partir dos 4 a 5 anos , então quando você chega numa escola como a escola de música e coloca seu filho lá com 15 anos, ele já é discriminado, porque ele não começou aos 5 anos, entendeu? Porque ele não desenvolveu a habilidade desde os cinco anos, então a música... tanto é que a escola não recebe alunos especiais. E aí você vê assim... esses meninos que tem dificuldades de aprendizagem, déficit de atenção, porque eu recebi alguns com déficit de atenção também, então você vê como a música é disciplinadora e ela exige concentração, o menino fica inquieto na primeira, na segunda, na terceira, na quarta aula ele já tá entrando no ritmo,entendeu? Ele já consegue ficar... Imagina você, Marli, adulta, eu coloco você pra sentar e fazer durante 50 min. Exercícios pra dois dedos da mão esquerda, entendeu? Imagina uma criança ficar muito tempo mexendo: dedo 1, dedo 2, dedo 1, dedo 2, então, isso de uma certa forma é massante, mas é um processo que precisa acontecer, entendeu? E aí você vê que ele melhora a concentração, ele melhora o raciocínio matemática, porque música é abstrato, mas toda a parte de teoria ela é bem exata, entendeu? Existe toda uma lógica, não é assim... saiu do nada, não é aleatório, então ele vai desenvolvendo isso, eu acho de todas as artes, eu vou dizer que a minha é a mais fácil, porque quando se faz música não faz só pra si, faz pro outro, quando eu aprendo a tocar um instrumento pra tocar uma música eu não aprendi pra tocar pra mim, eu aprendi pra tocar pra você, pra você e pro público que aparecer, quanto mais gente tiver, melhor. Então, quanto isso daí, Marli, você já vê como acontece a inclusão, entendeu? Como esse processo se estreita.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA AOS PROFESSORES

PROFESSORA B (ESPECIALISTA EM ARTES CÊNICAS)

1. Qual a sua opinião sobre o processo de inclusão na sua escola?

Olha, é... com relação a processo de inclusão, eu não vejo processo acontecendo na Secretaria de Educação, nunca vi processo acontecendo nenhum, o que eu vi são avisos que de repente vem a direção no começo do ano na semana pedagógica e diz: a partir de hoje vocês vão receber alunos inclusos, entendeu? E o que acontece não necessariamente nessa escola porque eu já vim depois da existência da inclusão, então o que eu vi, o que aconteceu muitas vezes comigo foi chegar um aluno com uma deficiência muito grande e eu não ter nem noção do que era aquilo, nem noção de como lhe dar com aquele aluno e muitas vezes até sem laudo, quando você vai na sala de recurso querendo saber o que que aquela criança tem, qual é o problema dele e você não fica sabendo porque não tem laudo, né, então, assim...é...voltando, é... a questão do processo, eu não vi processo nenhum, eu é que fui atrás, eu é que procurei fazer cursos, fiz curso na área de deficiência mental, fiz curso na área de autismo, fiz curso sobre a história da educação especial e fiz curso sobre Deficiências Múltiplas, mas assim... a Secretaria de Educação nunca chegou pra mim e falou assim: olha professor nós vamos habilitá-lo a lhe dar com esses alunos, então eu já tive alunos deficientes auditivos sem nenhum conhecimento de linguagem, é... da linguagem de libras assim como tive esse ano em outro estabelecimento de ensino alunos deficientes visuais também, mas com o advento da Sala de Recursos eu pude trabalhar com alunos deficientes visuais de uma forma mais tranquila porque eu tinha como passar material pra braille, né... e as professoras da sala de recursos eram muito bem é.... habilitadas né.. então eu tive uma excelente orientação.

2. Em sua opinião, qual a importância de promover atividades culturais com alunos especiais dentro da escola?

O que eu acho é o seguinte, na minha opinião se se coloca que o aluno está incluso, então significa que ele tem capacidade de acompanhar de uma maneira ainda que às vezes mais lenta a facilidade de todo mundo, eu acho que a questão cultural é pra todos, se a disciplina é arte, ela tem que ser uma questão cultural que envolva todos os alunos, não... sem essa diferença se o aluno é portador de alguma necessidade ou não, entendeu? Então, eu acho que tem que ser acessível a todos, não faço essa distinção de uma coisa especial, culturalmente especial para os alunos com necessidades especiais, eu acho que tem que ser pra todos, pra todos, pra todos... a questão cultural, ela envolve tudo, envolve tudo, tudo...

3. Para você, qual a importância e contribuição do teatro e da arte para o processo de inclusão escolar e desenvolvimento da cidadania dos alunos?

Mais uma vez eu coloco que não tem essa separação entre alunos com necessidades especiais e alunos que não tem necessidades especiais. Eu acho o seguinte, o teatro de forma geral... é atividade cênica, não digo nem exatamente teatro porque eu acho que é muito profundo dizer que eu sou uma professora de teatro, isso foi uma nomenclatura que foi mudada pela... não sei se MEC, ou quem é que mudou exatamente que passou a denominar o professor de artes cênicas como professor de teatro, eu acho que há uma diferença grande aí, eu sensibilizo pra artes cênicas pra arte teatral, mas eu não formo ator, então eu acho que o professor de teatro é aquele que forma ator, né, na minha visão eu não to dentro de uma escola pra formar ator, mas eu to pra sensibilizar pra atividade, eu sei que tanto pro aluno seja ele com necessidade especial ou não, ambos podem se beneficiar com a vivência cênica porque traz desinibição, traz técnicas pra você falar em público, traz técnicas vocais pra você poder expressar seus pensamentos, seus sentimentos, suas emoções, né, o estudo da arte fundamentalmente ajuda no desenvolvimento da criatividade é a expressão dos sentimentos, anseia os pensamentos, também a apreciação estética e a recepção sobre o mundo ao redor, então por exemplo, numa atividade de cênicas, uma atividade que eu gosto de dar depois que eu já dei atividades pertinentes na expressão corporal, expressão facial, usando o palco de arena eu coloco os alunos todos pra participar de cenas iguais não tem muito tempo de de elaboração, não, quando eles levantam mal eles tem tempo pra combinar quem eu sou e quem você é, então eu chamo de clips cenas relâmpagos, na realidade eu, por exemplo, separo em duplas e dou cenas por exemplo, jovem e velho, uma pessoa jovem cuida de uma pessoa muito idosa, uma pessoa que já tá com problema de saúde, que já tá fenil que precisa de cuidados, então, a pessoa jovem tem que demonstrar pra platéia do que ela é dessa pessoa idosa, pode ser neto, pode ser empregado da casa, etc...então tem esse clip que eu coloco como jovens e velhos, tem um clip é...normal de pessoas com necessidades especiais, embora eu diga pra eles que de perto ninguém é normal, como dizia Caetano Veloso, né.. então nessa cena em que ele faz com o deficiente, em geral, eles escolhem que tipo de deficiência eles querem fazer, mas fundamentalmente, o deficiente também pode ser portador de uma necessidade especial física, mas fundamentalmente deficiente mental, né, e ali ele pode... ele tem que lhe dar no mesmo tipo de cena como idoso ou quer que o deficiente faça alguma ou quer ou precisa fazer alguma coisa com esse deficiente, mas não pode maltratar, pode ser impaciente, pode ser nervoso, ma não maltratar. E aí faço cena de marido e mulher, que...faço cena de patrão e empregado, cenas de mendigo e rico, e dessa forma todos podem aprender a lhe dar com o teatro de arena porque é em círculo, né... eles não se preocupam se tão dando costas pra plateia ou não e fundamentalmente vai a reflexão em cima das diferenças entre as pessoas: jovens e velhos; pessoa especial ou não, homem e mulher; patrão e empregado, então, assim vai a reflexão em cima da realidade, é uma forma que eles começam a se apresentar, a dramatizar sem ter a noção da plateia e assim eles vão desenvolvendo o quê... futuramente a gente já tá fazendo como no palco italiano – platéia distante do ator e tal, então quer

dizer, a vivência cênica é muito rica porque sem perceber no final do bimestre, no final do semestre um aluno desse é capaz de fazer uma interpretação brincando, porque ele começa achando que é uma brincadeira que é só diversão porque as cenas são engraçadas, né...ele depois consegue fazer uma apresentação.

4. Você consegue perceber mudanças nos alunos em função das artes? Relate algumas.

A mesma resposta em relação a alunos especiais ou não...com certeza. As mudanças são inevitáveis. Alguns alunos mais tímidos começam a se soltar mais, de forma que muitos aprendem a expressar melhor seus pensamentos e ideias. Acredito que esse tipo de trabalho ajuda, inclusive a melhorar a socialização dos alunos especiais com os outros alunos. A arte, seja ela qual for ajuda o indivíduo a ser mais participativo em todos os aspectos da vida, seja na escola ou fora dela, entendeu?

5. Relate sobre o seu cotidiano na sala de aula com os alunos especiais, contando um pouco de sua experiências mais marcantes. Respondida na questão 3.

6. Como é realizado o Atendimento Educacional Especializado na sua oficina junto aos demais alunos? Existe um trabalho de parceria entre você e a sala de recursos? Você considera essa relação importante?

Acho sim, importante, no entanto muitas vezes quando tenho alguma dúvida em relação a algum aluno, eu procuro as professoras da sala de recursos pra que possam me passar as informações sobre os alunos. É, é aqui nessa escola ocorre que esse atendimento especializado seja mais evidenciado no sentido de ser uma forma diferente de atender esses alunos. Já observei que quando esses alunos são acompanhados pelo professor especializado, essa parceria se torna, é...mais verdadeira. E com isso os alunos são melhores assistidos.

7. Quais os critérios que você utiliza para promover uma inclusão eficaz na sua oficina pedagógica e como faz para minimizar o preconceito?

Eu nunca percebi preconceito dos alunos mesmo antes do advento da inclusão todas as vezes que eu tive alunos com necessidades especiais eu nunca percebi por parte dos outros alunos preconceito dessa natureza. Já vi outros tipos de preconceito, mas nunca preconceito pelo colega ser especial e a inclusão... a maneira minha pessoal que eu encontro pra incluir é não diferenciar, eu não trato de forma diferente quem é deficiente, em geral se eu dou uma atividade... como eu sou professora de arte cênica e a gente mexe muito com o corpo e essas coisas, se eu dou uma atividade que eu possa achar que aluno não consegue participar eu pergunto a ele, diretamente eu pergunto: você consegue fazer? Você quer participar? E agora esse ano (2010) eu recebi alunas com deficiência visual, é... eu não dizia que eles não viam o que eles não enxergavam, eu dizia que, que eram alunas, eram duas mocinhas, que elas enxergavam de maneira diferente do restante da turma, então quando elas iam ler em Braille alguma coisa que tinha que

acompanhar o texto eu lia cada palavra inicial do parágrafo pra que elas pudessem se localizar e tava sempre perguntando se elas conseguiam, e quando por exemplo, aconteceu os momentos que eu trabalhei com mímica que elas não tinham como saber o que tava acontecendo algum colega ficava do lado e narrava pra elas o que tava acontecendo. Inclusive todas as duas andavam pela escola sem bengala, isso foi uma coisa que me surpreendeu, inclusive uma delas não usava bengala nem na rua, então eu vejo isso... eu acho que a forma como eu encontrei de trabalhar a inclusão é sempre quando eu dava a atividade perguntava se eles tinham condições de participar....sempre eles participam, nunca tem aquele que diz assim: Ah...não eu não consigo, ah não eu não posso, não eles não fazem isso, todos sempre participam, tanto em turmas de meninos pequenos, quanto em turmas de meninos maiores.

8. Quais são os espaços disponibilizados aos alunos com NEE's visando incentivar suas potencialidades artísticas e culturais? Você considera tais espaços suficientes?

Bom, na realidade desse ano, eu usei só o espaço da minha sala de aula realmente, tanto nessa escola quanto na outra escola. Aqui nessa escola tem a sala ambiente né. A outra escola que eu trabalhei, é... anterior a essa aqui as outras 20 horas que eu tava, ela é uma escola que tinha a sala ambiente, mas é uma sala ambiente é, é... projetada pra o ensino de artes visuais, então ela não era uma sala adequada pra artes cênicas, aí eu tinha que arrastar os bancos, arrastar as mesas, eram mesas grandes, eram bancos grandes, então isso dificultava um pouco. Agora com relação ao aluno incluso, ambas as escolas tinham sala de recursos e muito bem montada. A daqui realmente eu não sei porque nessa escola aqui especificamente o professor da sala de recurso vem até a sala pra acompanhar o aluno, na outra escola não, o professor da sala de recurso fica na própria sala de recursos é... proporcionando, proporcionando a facilitação do processo educativo, por exemplo, havia a professora que tinha conhecimento de braille que digitava as coisas que passava o material pra Braille, então é.. eu via um apoio muito grande, muito grande, eu achei que funcionava muito bem, tinha um atendimento no contra turno aí pros aluno com necessidades especiais, funcionava muito bem na minha opinião, né... não sei nas outras disciplinas com os outros professores.

9. A gente sabe que é desafio trabalhar com a individualidade de cada aluno em um contexto bastante diverso. Nesse sentido, como você traça suas metas e estratégias educativas, considerando as necessidades de cada um deles?

Olha, mais uma vez eu vou dizer de novo, eu não costumo separar o aluno especial do aluno que não é especial. A minha estratégia inicial de trabalho é sempre disciplina, eu acho que se não houver disciplina uma turma não funciona, eu acredito em educação à moda antiga, eu não sou uma professora moderninha não, eu acho que aluno tem que ser levado no cabresto curto, eu sou a favor é da escola

com o uniforme muito certinho, muito correto e tal e hoje em dia não é assim, então eu sou uma pessoa que nunca me adequei porque nunca foi desde que eu entrei nunca foi muito corretinha. Algumas escolas particulares até na época em que eu atuei em escola particular eram mais certinhas, mas hoje eu não vejo isso não. Então, a minha estratégia inicial de trabalho é... nas turmas é disciplina entendeu? É o uso do não palavrão, é o uso da não agressão física, não agressão verbal, é o uso do por favor, obrigada e com licença, que são coisas assim que eu procuro transmitir, inclusive assim no começo desse ano quando eu estava numa outra outra escola que nem são essas que eu citei nessa entrevista, eu por exemplo, eu fiz um..um regulamento de condutas, né, na sala de aula, então dentre essas condutas eram condutas adequadas e condutas inadequadas, dessas condutas inadequadas havia pontuação quanto que a pessoa perde 50% da avaliação era da parte teórica e 50% da parte prática. E da parte teórica tinha 20% da avaliação com uma prova, 10% com teste, 10% com pesquisa e 10% com nota no caderno que dava 50%. Na parte prática, eu coloquei como tópico da avaliação: participação nas apresentações e nas aulas 20%, é... 10 % condutas, conduta em sala de aula, então nessa pontuação que realmente agora eu não me lembro teria que tá com o papel, era 10% de conduta, presença eu não dou ponto por presença porque eu acho que presença é obrigação, então eu não dou ponto. Agora, eu não me lembro mais qual era a pontuação, mas assim... o uso do palavrão, o uso de agressão verbal, eu colocava lá isso perde 0,2 - 0,1, entendeu... dependendo do que fosse e eu fazia isso sem diferenciar um aluno do outro e isso independe se ele é especial ou não, dependendo do tipo da atividade e se a atividade é muito física exige um um trabalho onde o aluno que é cadeirante não pode fazer, eu pergunto: existe uma forma dele participar? Como é que pode fazer? Você quer fazer? Você consegue fazer? Igual a gente tem aqui uma aluna é... ela tem certa dificuldade em algumas algumas posturas físicas, então por exemplo, sentar no chão pra ele é uma coisa que ela não pode, né e em artes cênicas se usa muito o chão, mas independente disso ela sempre participou e o que ela não conseguia fazer ela dizia: professora eu não posso sentar, então eu dizia: tudo bem querida, não tem problema, você pode se acomodar do jeito que você achar melhor e ela nunca se sentiu discriminada por isso e ninguém da turma a discriminou por isso também, aliás eu nem sei se os meninos pequenos conseguiam perceber alguma coisa de diferente nela, né, ela é uma menina muito empenhada, é tão boa que facilita o meu trabalho na sala de aula. No que diz respeito a esse rol de condutas adotadas em sala de aula, eu fazia com que o aluno assinasse um recibo de que ele recebeu aquilo que o pai assinasse, e também esse mesmo recibo que ele entregava pra mim e aí ele tinha que colar esse regimento no caderno dele, então, eu acho que sala de aula ela precisa de extrema disciplina e o aluno sabendo as regras você não pode isso, não pode aquilo, não pode aquilo outro... fica mais fácil e se ele diz: Ah, eu não sabia isso... e eu digo: sabe sim, tá lá no seu regulamento, então assim, eu acredito realmente em disciplina, sabe, em escola, o grupo tem que ter regras pra andar, se não for assim nada dá certo.

10. De acordo com você, o que precisa ser incentivado e o que é necessário mudar, pensando na relação entre artes e inclusão escolar?

O quê que precisa ser incentivado eu não tenho a menor noção. Agora, o que precisa mudar isso com, com ou sem aluno incluso é o número de alunos em sala de aula, entendeu? Isso daí é uma coisa que tem que mudar pra todo mundo, o número de alunos em sala de aula. E uma coisa que eu acho que tem que mudar é o preparo do professor que não é da sala de recursos, entendeu? Eu acho que muitas vezes o aluno é colocado em uma turma em que o professor nunca viu e nem sabe o que é inclusão, principalmente os de contrato temporário, não tem a menor noção, não tem preparo, por isso que eu digo assim: a instituição tem que preparar os profissionais pra isso, entendeu? Pra receber esses alunos inclusos e o número de alunos em sala de aula, eu acho que o número de alunos em sala de aula não só com aluno incluso ou sem aluno incluso tem que ter um número reduzido, entendeu? Agora nesses últimos anos aí, eu percebi uma mudança com relação ao número de alunos, agora, por exemplo, essa escola que eu tava trabalhando lá eram 35 alunos em sala, o que já é muito bom em vista de muitas escolas que tem 45 alunos, eram 35 alunos e duas alunas completamente cegas, fora os TDAH, não eram só elas não, haviam outros alunos que tinham outras naturezas de dificuldades visual na mesma turma inclusive, né aqueles de..de fonte 18, de fonte 24 alunos de baixa visão. Então assim, é... eu acho o número muito grande ainda que seja pra alunos que não são portadores ou com inclusos ou sem inclusos, eu acho o número de alunos muito grande. Eu acho que a inclusão nem vai em cima disso, o nº de alunos reduzidos ou não. Na minha visão, isso aí é não visão, se você tem que mudar o mundo pra incluir aquela pessoa, tá errado, porque o mundo não vai mudar, entendeu, em parte. Eu acho assim, eu acho que o nº reduzido de alunos tem que ser pra todos, pra melhorar a educação pra todos, não ter um nº reduzido só porque tem aluno especial, a minha visão é essa. E o que eu vejo é o seguinte, é... que fala aí com relação a mudar na minha opinião o que tem que mudar é a questão de que há alunos que não tem a menor condição de ser incluso, então assim, vou contar uma experiência que eu não contei anteriormente com relação a um aluno autista num grau muito elevado daquele tipo de menino que não olha pra ninguém nem pra nada e que apenas se balança e gesticula muito com as mãos, esse menino foi colocado numa escola parque como incluso, sendo que na realidade da escola de origem dele, ele tinha uma classe especial só, de classe especial... então, eu não entendia e eu...ele era de uma turma de 1ª série, era um aluno fisicamente muito maior, já entrando quase que na pré-adolescência por aí...é, e esse menino não interagiu absolutamente com nada e era uma época em que eu ainda não tinha feito curso sobre autismo, então eu não tinha a menor noção do que fazer, ele vinha acompanhado com uma professora e muitas vezes eu colocava pra fazer uma atividade...vou dar um exemplo de um momento livre, né... primeiro eu vou explicar a aula como funcionava, eu sempre contava uma história ou com um livro se havia crianças que já sabiam ler elas ajudavam a ler ou então aqueles livros sem texto, só

com gravuras, então eu contava a história depois que contava a história as crianças faziam desenhos em cima da história e depois que terminavam o desenho...isso era um processo, primeiro uma aula história, depois na outra o desenho sobre a história, depois a outra parte a dramatização em cima daquela história, então ao mesmo tempo eu trabalhava literatura, desenho e dramatização e aí o quê que acontecia, às vezes entre uma aula e outra eu dava ou leitura de quadrinhos ou jogos, então tinha vários jogos, tinha dama, xadrez pros que já sabiam, quebra-cabeça, joguinhos de montar e por aí vai, era um momento de socialização onde eu também podia observar como ele se comportavam entre eles, né... e às vezes nesses momentos livres ele ficava perdido e às vezes eu dizia assim: vai lá cada um vai ali e pega um brinquedo e aí a professora ia lá e pegava um brinquedo pra ele ou conduzia-o e ela como especialista, eu também não interferia muito porque eu não entendia nada e ali às vezes reprimia ele um pouco, eu achava, na minha visão, talvez eu esteja errada... mas o que eu via eu não entendia é... como que eu podia atingir aquele aluno o que tava dando o quê que ele podia tá recebendo e assim... eu cheguei a conclusão de que a presença dele em sala de aula servia única e exclusivamente pra que os outros alunos percebessem que existiam pessoas como ele, eu achei que era essa a função da inclusão, então a minha primeira imagem sobre a inclusão, quando ouvi falar em inclusão e tal era isso que esse aluno estava ali pra que os outros, a sociedade... a micro-sociedade, vamo dizer assim, da sala de aula pudesse perceber que existiam pessoas diferentes, né.... era essa a visão que eu tive.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA AOS PROFESSORES

PROFESSORA C (PEDAGOGA E ESPECIALISTA EM ARTES PLÁSTICAS)

1. Qual a sua opinião sobre o processo de inclusão na sua escola?

É... o processo de inclusão na minha escola foi desenvolvido a partir do Projeto Político Pedagógico realizado com toda a equipe de professores, coordenadores e direção da escola. Na minha opinião, acho que a inclusão só acontece porque a escola recebe alunos com necessidades educacionais especiais. E o mais interessante na minha escola é que todos os alunos são acompanhados por um professor da sala de recursos.

2. Em sua opinião, qual a importância de promover atividades culturais com alunos especiais dentro da escola?

Bom, é.... eu não faço uma distinção, uma separação entre os alunos especiais e os nossos alunos convencionais, porque essas atividades culturais são importantes pra toda a escola, pra um bom funcionamento da escola. Os alunos especiais na minha oficina são bem recebidos e também participam, eles é....promovem a alegria dos outros alunos e eu observo que há uma interação entre eles.

3. Para você, qual a importância e contribuição do teatro, da arte e da música para o processo de inclusão escolar e desenvolvimento da cidadania dos alunos?

É... nós temos assim... bastante facilidade pra trabalhar com esse tipo de técnica, muitas pessoas têm bastante preconceito em relação a disciplina de arte, muitos acham que a disciplina não é necessária e na verdade para os alunos especiais, ela é muito mais aceita do que qualquer outra é... disciplina, principalmente porque através da arte o aluno descobre às vezes que tem alguma habilidade. Nós podemos elaborar nos grandes e pequenos eventos dentro da escola várias formas de possibilitar a chegada deles ao público, né porque ali eles fazem apresentação, eles é... decoram a escola, produzem materiais e com isso podemos observar que autoestima desses alunos melhora muito.

4. Você consegue perceber mudanças nos alunos em função das artes? Relate algumas.

Olha...claro né que a gente consegue ver, principalmente é igual você mesma mencionou a aluna Ta por exemplo, toda vez que ela produz um trabalho, no final da aula eu via muita alegria nela pelo fato dela conseguir fazer o que eu pedia, é claro que ela precisa de ajuda do professor da sala de recursos, mas ao final de cada aula, ela sempre quer levar o que ela consegue produzir na aula pra que a mãe pudesse ver. Olha, eu vejo que há uma grande interação dos alunos especiais junto aos outros alunos. São transformações que acontecem e que fazem com que o aluno se sinta cada vez mais motivado. Então, isso aí é apenas uma pequena

amostra do que eles podem e conseguem fazer nas minhas aulas. Pra mim é muito gratificante poder atender e receber esses alunos.

5. Relate sobre o seu cotidiano na sala de aula com os alunos especiais, contando um pouco de suas experiências mais marcantes.

Tenho um aluno autista que eu atendo que no início do ano ele se sentia meio arredio, ele via a minha aula como uma aula diferente porque tem muitas meninas e ele nunca queria entrar, ele não sabia o quê que a gente fazia na sala então ele ficava distante, depois eu fui conversando com ele, me interagindo e tal e aos poucos ele foi ficando tão empolgando, tão empolgado que ele se adéquo ao ambiente e as atividades na sala de aula e começou a querer fazer e produzir nas aulas. Teve um...um fato que nós fomos um dia a um passeio no clube e ele tava com medo de entrar na água, então quando eu peguei na mão dele ele se sentiu seguro porque? Porque ele já tinha um contato comigo na sala de aula e depois quando eu entrei com ele na piscina ele se sentiu seguro e não largava da minha mão de jeito nenhum, então assim, foi um fato marcante. Então assim, é engraçado né a forma de tratamento e a forma de intimidade que a gente adquire com o aluno, ele fica tão relaxado que ele acaba se adaptando, aceitando e aí todo trabalho é bem desenvolvido a partir do momento que tem uma integração entre o professor e o aluno.

6. Como é realizado o Atendimento Educacional Especializado na sua oficina junto aos demais alunos? Existe um trabalho de parceria entre você e a sala de recursos? Você considera essa relação importante?

Muito. Existe sim. Primeiro porque a sala de recursos é um ambiente onde o aluno, ele se adapta, ele é colocado lá junto com os professores que tão fazendo o atendimento pra eles se adaptarem às oficinas, então, ali eles fazem as escolhas e o professor especializado acompanham eles até aquela oficina que ele quer fazer e aí há uma integração, o professor tem um tempo melhor pra estar ali com o aluno, né, enquanto eu vou desenvolvendo o meu trabalho, enquanto a professora da sala de recursos acompanha aquele aluno pra saber se ele realmente está desenvolvendo as atividades. Eu tenho uma parceria e acho que o diálogo com o professor da sala de recursos é muito importante.

7. Quais os critérios que você utiliza para promover uma inclusão eficaz na sua oficina pedagógica e como faz para minimizar o preconceito?

Bom, na verdade nós temos uma relação com os alunos especiais é...uma aceitação tão grande, principalmente um acolhimento dos demais alunos, os outros alunos acolhem com carinho e ajudam na integração deles nas atividades, dividem o material e ajudam de uma forma bastante respeitosa. Eu consigo perceber isso sempre na minha sala. Nunca vi nenhuma atitude discriminatória por parte dos outros alunos com os especiais.

8. Quais são os espaços disponibilizados aos alunos com NEE's visando incentivar suas potencialidades artísticas e culturais? Você considera tais espaços suficientes?

Bom, infelizmente a minha escola por ser dentro de uma ONG, o espaço embora exista, não é acessível e acho que precisa de adaptações. Mas com todas essas dificuldades estruturais, tenho tentado desenvolver o meu trabalho. Acho então que o espaço não é suficientemente adequado, por exemplo, se receber um cadeirante, teremos dificuldades para adaptá-lo ao ambiente, pois os espaços não são eficientes. O chão é cheio de ondulações, não tem rampa, a minha sala, por exemplo, é muito pequena para a quantidade de alunos que recebo. Assim, é claro que independente dessa situação, procuro fazer um bom trabalho com meus alunos para que eles possam se sentir bem para desenvolver suas atividades artísticas e culturais.

9. A gente sabe que é desafio trabalhar com a individualidade de cada aluno em um contexto bastante diverso. Nesse sentido, como você traça suas metas e estratégias educativas, considerando as necessidades de cada um deles?

Com certeza, mas a gente viabiliza porque nós temos vários tipos de deficiências, por exemplo, eu não vou colocar um aluno que não tem coordenação motora ou então que as mãos não mexem pra fazer um trabalho que ele não consiga, então a estratégia com esse tipo de aluno seria desenvolver uma forma de trabalho mais de ouvinte, onde ele possa aprender ouvindo. Então, para que eu possa desenvolver um bom trabalho, é importante que eu saiba quais são as dificuldades do aluno, saber o que ele consegue ou não fazer. A partir disso, acho que consigo traçar as minhas estratégias. É necessário estudar cada caso, cada situação.

10. De acordo com você, o que precisa ser incentivado e o que é necessário mudar, pensando na relação entre arte e inclusão escolar?

É ... assim tudo vai ter que ser feito a longo prazo, as necessidades são muitas e nós não conseguimos atingir todas as etapas num determinado tempo, num tempo rápido, tem que ser mesmo devagar, então assim, eu acho que a primeira coisa que deveria ser feito seria adequação do espaço para atender com conforto o aluno especial, nós devemos também trabalhar e saber sobre o aluno antes de recebê-lo na nossa sala de aula, pra que a gente possa fazer um planejamento adequado pra esse aluno e que o aluno possa se desenvolver de forma positiva.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA À FAMÍLIA

MÃE X DO ALUNO X

1. O que você acha do processo de inclusão na escola em que seu filho estuda?
Eu acho bom , eu acho que cada vez mais a escola deve melhorar, mas já é um bom começo, embora o meu filho ainda esteja matriculado numa turma especial numa escola regular, acho que o processo de inclusão já chegou pra muitas crianças.
2. Como você e sua família participam da vida escolar de seu filho?
É... eu participo conversando com as professoras, pedindo orientação. Aquilo que for possível, né... que tiver ao meu alcance pra eu poder ajudar eu ajudo. Gosto e faço questão de participar das reuniões para saber como meu filho está se desenvolvendo. Gosto de saber sobre o progresso do meu filho.
3. Quais as contribuições das oficinas da escola para o desenvolvimento de seu filho?
Olha, ele desenvolve, ele aprende, ele tem interesse em fazer outras coisas, ele gosta de participar, ele gosta de ir pra escola, gosta de interagir com os professores, então isso já é uma parte positiva pra ele, né.
4. Como você avalia o trabalho dos professores nas oficinas?
Olha, eu acho que os professores trabalham bem, apesar da escola ser defasada, principalmente em relação a estrutura, a falta de material pra que o professor possa trabalhar melhor. Acho que esse é um problema que às vezes deixa o professor de mãos atadas.
5. Quais são os pontos positivos em relação ao aprendizado do seu filho durante o ano de 2010 nas oficinas? Cite alguns.
Eu achei ele mais assim... como é que falo... mais expansivo, mais aberto, mais comunicativo, então isso já é um ponto positivo que eu acho, essa troca que ele tem com os professores e com os outros alunos.
6. O que você acha que precisa melhorar ou mudar para o próximo ano?
É... acho que a escola deve se empenhar mais no sentido de se organizarem mais para atender o aluno com eficiência. Mudanças no cronograma das atividades também. Acho que o aluno gosta de ver coisas novas e diferentes.
7. Você acha que a inclusão escolar é de fato uma realidade ou ainda falta alguma coisa para alcançar esse objetivo?
Olha, eu acho que falta alguma coisa, mas já tá meio caminho andado, principalmente com relação a aceitação. De um modo geral, percebo que a

sociedade está mais sensível a essa questão. Embora o meu filho ainda não está incluso em classe regular, acho que o fato é... dele estar também numa escola integral, ele consegue se desenvolver bem nas oficinas de arte e teatro. Lembro que no ano passado, ele fez oficina de música (coral) e observei que ele aprendeu muito, tanto é que ele hoje gosta muito de cantar.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA À FAMÍLIA

MÃE Y DO FILHO Y

1. O que você acha do processo de inclusão na escola em que seu filho estuda?

Acho bom, embora algumas expectativas minhas não estão se cumprindo. Às vezes é um pouco complicado. Acho que não é uma ilusão romântica. Não quero crer nisso. Prefiro acreditar no processo e nas mudanças daqui pra frente.

2. Como você e sua família participam da vida escolar de seu filho?

Participo indo às reuniões e participando com ele na escola e também dos deveres escolares para casa. Eu e meu esposo participamos de tudo. Sem a nossa atuação, acho que sem a nossa dedicação tudo ficaria muito complicado.

3. Quais as contribuições das oficinas da escola para o desenvolvimento de seu filho?

Como você mesma sabe, ele gosta muito de esporte, adora a natação e o futebol. E isso tem ajudado bastante na interação e socialização com os colegas e professores, tanto aqui nesta escola como na outra de origem.

4. Como você avalia o trabalho dos professores nas oficinas?

Acho que o trabalho que eles desenvolvem é bom, mas poderia ser melhor se tivessem mais recursos, entendeu? Muitas vezes o professor não faz mais porque a estrutura mesmo deixa muito a desejar. Acho até que fazem muito sem muitos recursos, sem material, sem as adaptações necessárias para receber o aluno.

5. Quais são os pontos positivos em relação ao aprendizado do seu filho durante o ano de 2010 nas oficinas? Cite alguns.

É, é... crescimento e amadurecimento físico e psicológico. Ele gosta muito do teatro e como já disse antes, da natação e do futebol também. A mais de 3 anos que ele frequenta essa escola e nesse período tenho visto uma melhora bastante significativa em todos os sentidos que você puder imaginar.

6. O que você acha que precisa melhorar ou mudar para o próximo ano?

Acho que para que a inclusão realmente aconteça é preciso melhorar a estrutura das escolas com adequações arquitetônicas para a acessibilidade e acesso do aluno com eficiência, entendeu? Além de melhorar a qualidade dos profissionais com cursos de aperfeiçoamento, é importante disponibilizar é...equipamentos de informática, materiais didáticos e pedagógicos...Acredito que muito em breve teremos uma educação inclusiva de qualidade, então é isso, prefiro acreditar que tudo pode sim, melhorar.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA À FAMÍLIA

MÃE Z DO FILHO Z

1. O que você acha do processo de inclusão na escola em que seu filho estuda?
Bom, na que ela estuda com frequência seria no CIEE, né, então lá eu acho que o processo de... de ensino tanto de ensino quanto de aprendizagem está muito estagnado, é, é necessário que se tenha novas metodologias, professores mais comprometidos que não é o caso porque são professores que já estão lhe dando com esses alunos a muito tempo, tanto estão desmotivados os professores quanto estão desmotivados os alunos.

O entrevistador interrompeu a mãe e perguntou: Dá a entender então que não é uma inclusão de fato, não é? Não, não é uma inclusão porque como se trata de educação especial nesta escola o público, a clientela é unicamente especial, então não é uma escola inclusiva, muito pelo contrário, né. Que as escolas que atendem alunos especiais e só atendem alunos especiais, ela não faz essa inclusão, tá fora da inclusão, ela só atende os alunos considerados especiais, né... de educação especial, então nesse sentido não existe uma inclusão, eu particularmente sou contra a escola única e exclusivamente para a educação especial e acho que toda escola tem que ser inclusiva, seja ela qual for, todas, nós não deveríamos ter uma escola ou outra inclusiva. Não deveria existir as escolas de ensino especial, todas as escolas devem receber todos os alunos, independente da patologia, da dificuldade, do comprometimento desse aluno, porque? A Declaração de Salamanca ela já diz isso "É escola para todos". E na realidade não é para todos, são só para alguns,, por exemplo: numa escola inclusiva ela se torna mais excludente do que inclusiva, porque uma sala de aula por exemplo que recebe um aluno que tem deficiência auditiva e esse professor não tem libras, esse aluno vai ficar mais excluído do que se ele estivesse numa escola de educação especial sendo atendido por um especialista, então o quê que se deve fazer...preparar os professores pra que sejam realmente inclusivas. Todos os professores devem ter uma especialização ou por exemplo, um aluno muito comprometido com certeza ele vai precisar de um professor mais presente, esse professor precisa de uma estrutura maior pra ele fazer esse trabalho, mas aí o quê que acontece, esse aluno pode ser atendido numa escola regular tal qual com todos os alunos, só que ele vai ter um atendimento exclusivo, um atendimento especializado, mas ele vai conviver com os demais, com seus iguais, com seus pares, seria isso... a minha forma de pensar... um escola que seja realmente inclusiva, uma escola como diz Comênio: uma escola para todos. Mas que seja para todos mesmo, que não é o que acontece, mesmo as escolas... eu não sou contra a inclusão, mas a inclusão da forma como tá sendo processada, ela se torna excludente e não uma escola inclusiva. Muitas vezes o próprio sistema não dá o suporte necessário pro professor, a escola não dá a ele uma estrutura pra ele receber o aluno. Mesmo que ele vá pra uma escola inclusiva e ele seja um aluno muito comprometido a escola tem que ter uma estrutura pra receber porque senão

não é inclusão, é exclusão, nós estamos fazendo agora o caminho inverso, é... eu digo nós porque assim...como a minha filha estuda no ensino especial a 23 anos, que que tá acontecendo agora nós tivemos que mudar o horário dela pra duas vezes por semana porque os alunos que foram pra educação inclusiva estão retornando pra escola especial pra educação especial que nós estamos vivendo nesse momento por que? Porque eles tão se sentindo tão excluídos que eles estão retornando. E assim, de certa forma não tem uma outra opção porque na educação especial é... eles tão até de certa forma bem tratados, mas também tem o outro que é negativo, que é o lado da infantilização, isso é terrível..., até mesmo nós pais temos a mania de dizer: a minha filha é uma criança. É, então é necessário desenvolver um trabalho diferenciado pra que as coisas que eu acho errado, tanto no ensino especial como na escola inclusiva, possam mudar pra que ocorra um ensino de qualidade.

2. Como você e sua família participam da vida escolar de seu filho?

Nós participamos em tudo na vida dela, tudo...inclusive na vida escolar. A gente participa das atividades, do que ele tá fazendo, a gente procura saber o que ela tá fazendo, a gente dá atividade em casa pra ela também, muitas coisas que ela aprendeu a fazer, ela aprendeu em casa pra depois ser levado pra escola, como: pintar, desenhar, são atividades que ela faz em casa, ela gosta de desenhar, de pintar, então assim, nós participamos ativamente, das festas que tem na escola dela, nós estamos sempre presentes, reuniões, tudo, tudo...que é preciso, passeios, a vida escolar dela nós participamos ativamente em tudo.

3. Quais as contribuições das oficinas da escola para o desenvolvimento de sua filha?

Bom, com relação às oficinas na escola, ela foi assim....primeiro ela gostou dos professores, porque se ela não gostar ela não vai, não vai de jeito nenhum, e assim, eu acho que toda oficina, principalmente quando o aluno gosta do professor tem um ganho, né, e lá ela teve um ganho porque assim, os trabalhos manuais eles estimulam muito a coordenação motora. No teatro, ela socializa. Nas oficinas, por exemplo que ela fazia trabalhos manuais estimula muito e traz ganho pra coordenação motora. No teatro, é... a socialização, né.. porque assim, o teatro, ele auxilia muito pra que a pessoa...se solte mais. Nessas oficinas ela conseguiu interagir com os outros alunos...

4. Como você avalia o trabalho dos professores nas oficinas?

O único problema é a estrutura que deixa a desejar. Mas de uma coisa eu tenho certeza, a escola pode não ter estrutura, pode ter todas as dificuldades, mas se ela tiver professor comprometido, ele consegue fazer muita coisa, faz até milagre, e o maior milagre é manter o aluno interessado e motivado, esse é o maior milagre. E infelizmente nem todos os professores são compromissados com a educação de modo gera.

5. Quais são os pontos positivos em relação ao aprendizado de seu filho durante o ano de 2010 nas oficinas? Cite algumas.

Como eu já falei antes, os ganhos foram muitos, tanto na oficina de arte, quanto na de teatro. Observei que a minha filha melhorou muito com relação a coordenação motora e principalmente nas atividades que fez no teatro, por exemplo. Melhorou também a própria autoestima dela. Tanto é que ela sempre gostou de ir pra lá.

6. O que você acha que precisa melhorar ou mudar para o próximo ano?

A estrutura, além da estrutura, mais materiais, melhorar a qualidade do profissional, acho que são as duas coisas mais importantes: o professor comprometido e uma boa estrutura. Porque também não adiante colocar um professor que não tenha capacitação que não é especializado pra fazer determinado trabalho, porque não vai conseguir. Tem alguns professores que não querem nem chegar perto de um aluno especial, ele não quer, ele não tem dom, ele não tem talento, então ele não vai fazer um bom trabalho. São os dois pontos cruciais, é a estrutura e o comprometimento do professor, mas também condições pra ele possa desenvolver um bom trabalho, mas ele pode fazer melhor se ele tiver um apoio maior e isso depende também da estrutura. Outra coisa que eu acho que precisa melhorar é a formação do professor. Seria interessante que todos os professores tivessem formação em pedagogia. Acho que a visão do professor melhoraria muito em relação a muita coisa.

7. Você acha que a inclusão escolar é de fato uma realidade ou ainda falta alguma coisa para alcançar esse objetivo?

Falta, eu acho que a inclusão ela não é uma realidade e ela falta alcançar o objetivo que é incluir, ela não alcançou esse objetivo em momento algum, não essa inclusão que está aí. Pra mim ela não alcançou o objetivo que é incluir. As pessoas... os alunos que estão na educação inclusiva, eles ainda não foram incluídos. Temos aí mais ou menos uns 4 anos que essa inclusão vem se arrastando. Eles conquistaram o direito de estar no mesmo ambiente que os ditos normais, mas eles ainda não foram inclusos, ainda precisa acontecer muita coisa pra que possa se efetivar a inclusão. Acontecer vai, mas vai demorar muito, mas tá caminhando, pior já esteve quando o deficiente nem direito a escola ele tinha ficava era em casa, então assim, tivemos progresso? Sim tivemos progresso, isso nós não podemos negar, é um grande progresso ele estar frequentando o mesmo espaço físico que os alunos ditos normais, já é um grande ganho. Mas ainda tem que se trabalhar muito, desde o preparo do professor. A inclusão não é estar frequentando o mesmo espaço físico que os demais frequentam, é muito mais do que isso em todos os sentidos. É ele ter o espaço é... reservado pra ele, preparado pra ele. A chegada desse aluno deve ser bem preparada. O aluno precisa de muita coisa e de muitas melhorias pra que ele tenha prazer em frequentar a escola inclusiva. Então

assim, eu acho enfim, que falta muita coisa, mas o mais importante é que o primeiro passo foi dado. O pior já foi. Eu tenho certeza que a educação no futuro ela não será mais nem inclusiva, ela será educação, apenas educação. Eu volto a te falar segundo Comênio, na educação, a escola seria pra todos e na educação especial ainda tem essa separação, educação especial, educação regular e educação inclusiva, entendeu? Eu acho que a educação pra ela ser educação ela vai ter que tirar esses rótulos, essas separações, ela vai ser apenas educação e aí já vão estar todos inclusos automaticamente. Não vai mais existir a escola de educação especial, a escola que recebe alunos para a educação inclusiva, ela só vai ser escola. Educação par todos.

ANEXO 4

Roteiro de Observações

Foram observados três alunos com necessidades educacionais especiais no período de novembro e 1ª quinzena de dezembro. Todas as observações foram realizadas nas oficinas de música (professora A), oficina de teatro (professora B) e oficina de arte (professora C).

1. **Aluno X** - apresenta um comprometimento intelectual moderado, tendo um diagnóstico estabelecido de Síndrome do X-Frágil, conhecida como Deficiência Mental herdada geneticamente. Foi matriculado nas oficinas de teatro, artes (artesanato) e outras.
2. **Aluno Y** - diagnosticado com Síndrome de Asperger (considerada um transtorno localizado no ponto mais alto do autismo). Por precisar seguir algumas rotinas em casa, o aluno frequentou somente duas oficinas: teatro e natação. Observação feita só na oficina de teatro.
3. **Aluno Z** - com diagnóstico de Paralisia Cerebral e Déficit Intelectual (CID F79, G93.7, G819). Hoje, com 31 anos de idade, ainda frequenta Centro de Ensino Especial no período da tarde. E no período da manhã (duas vezes por semana) frequenta as oficinas de teatro, informática, arte e faz atividades com jogos de quebra-cabeça, dominó e leitura acompanhada por um professor na sala de recursos. Nesse caso, ela tem esse atendimento uma vez na semana por que a mãe pediu.

Primeiramente, foi observado que a escola apresenta um diferencial em relação às outras escolas regulares. Desses três alunos (X, Y e Z), X e Y frequentam escola regular em classe especial (escola de origem) e o outro aluno Z, frequenta escola especial. Mas o grande diferencial é que nesta escola especificamente, os três estão totalmente incluídos. Todos ficam nas oficinas junto com os outros alunos e acompanhados por um professor da sala de recursos. Vale lembrar que a Constituição Federal (1988) e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96) estabelecem que a educação é direito de todos, garantindo assim, atendimento educacional especializado aos alunos especiais.

É nesse contexto que a Sala de Recursos procurou desenvolver um trabalho diferenciado, no sentido de que o aluno com NEE é sempre assistido por um professor especializado nas oficinas, uma vez que a forma de atendê-los nas outras escolas se dá individualmente em uma sala separadamente dos outros alunos.

Observou-se nas oficinas que o trabalho desse professor é focado na colaboração, na troca e na participação coletiva. O próprio professor da sala de recursos chegou a falar num momento que o grande desafio da educação inclusiva seria de buscar a construção do conhecimento criando as condições necessárias para a equalização de oportunidades iguais para todos.

Ao longo desse processo, pude observar a forma como os alunos desenvolviam seus trabalhos nas oficinas. No teatro, participaram com bastante interesse e entusiasmo e em consonância com o que era proposto para fazer. Eram desenvolvidas atividades coletivas, mas sempre com respeito ao que o aluno com necessidade educacional especial não podia fazer.

A grande contribuição nesse sentido é, pois, a de esclarecer a todos, sobre os aspectos fundamentais da inclusão dos alunos, numa abordagem multidirecionada à construção criativa do saber e da socialização.

O atendimento a esses alunos tinha uma característica diferente ao da escola regular, visando atender às suas necessidades, oportunizando atividades que permitam a descoberta e a criatividade no processo de ensino e aprendizagem nas oficinas de arte, música e teatro.

Ao reconhecer que as dificuldades enfrentadas pelos alunos não seriam obstáculos para que não pudessem participar de alguma atividade, os professores em geral evidenciavam formas de confrontar as práticas discriminatórias e criar alternativas para superá-las. Nesse contexto, então, pudemos observar que nesta escola, a educação inclusiva assume espaço central no debate acerca da sociedade contemporânea e do seu papel na superação da lógica da exclusão. A partir dos referenciais para a construção de sistemas educacionais inclusivos, a escola teve como organizar e repensar as suas práticas. E mesmo reconhecendo as dificuldades de alguns, consegue trabalhar de forma que todos os alunos tenham suas especificidades atendidas.

Partindo desse ideal, a escola propõe um trabalho com o intuito de fortalecer a autonomia dos alunos para decidir, opinar, escolher e tomar iniciativas a partir de suas necessidades e motivações.

A escola através de uma ação conjunta buscou ao longo do ano a participação efetiva de todos os segmentos escolares, possibilitando uma interação e permanência do educando sob responsabilidade da instituição a fim de combater a exclusão e da superação individual dos alunos, conforme reza o **Decreto nº 6094, de 24/04/2007, no capítulo I, artigo 2º, incisos IV, V e VII.**